RINO CURTI
MEDIUNATO

Com esta obra inicia-se o estudo da mediunidade propriamente dito.

Característica a destacar é a importância que se dá à formação doutrinária do médium, além do papel do aperfeiçoamento de sua personalidade porque "aparelhos mediúnicos não se improvisam pois, como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem e tempo", no dizer de André Luiz (Nos Domínios da Mediunidade – E. C. Xavier).

ISBN 85-7358-[illegible]

RINO CURTI MEDIUNATO LAKE

RINO CURTI
MEDIUNATO

LAKE



Prof. Rino Curti
(Presidente da Coligação Espírita Progressista - CEP)

Mediunato

(Curso Elementar - 2º semestre)

Prof. Rino Curti
(Presidente da Coligação Espírita Progressista - CEP)

Mediunato

(Curso Elementar - 2º semestre)

LAKE - Livraria Allan Kardec Editora
(Instituição Filantrópica)
rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020
Tel.: 011-229.1227 • 229.0526 • 227-1396
FAX: 229.0935 • 227-5714
São Paulo - BRASIL

2ª Edição - Do 6º ao 15º milheiros
Junho - 1997
Nota: A LAKE é uma entidade sem fins lucrativos, cuja diretoria não possui remuneração.
Capa: Rob
LAKE - Livraria Allan Kardec Editora
(Instituição Filantrópica)
rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020
Tel.: 011-229.1227 • 229.0526 • 227-1396
FAX: 229.0935 • 227-5714
São Paulo - BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curti, Rino; 1922 -
Mediunato: Curso Complementar - 2º semestre
Rino Curti. — 57ª, São Paulo, LAKE - 1997
1. Espiritismo — Estudo e Ensino, 2. Médiuns I. Título
97-1205 CDD-133.9107

Índices para Catálogo Sistemático:
1. Mediunidade: Espiritismo: Estudo e Ensino 133.9107

OBRAS DO MESMO AUTOR

CURSO BÁSICO
Vol. 1 - Espiritismo e Reforma Íntima
Vol. 2 - Espiritismo e Evolução

CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA ESPÍRITA
1º Ano - Tomo I
Vol. 1 - Cristianismo
Vol. 2 - Mediunato

2º Ano - Tomo II
Vol. 1 - Dor e Destino
Vol. 2 - Desenvolvimento Mediúnico

3º Ano - Tomo III
Vol. 1 - Mediunidade em Ação
Vol. 2 - Mediunidade: Instrumentação da vida

4º Ano - Tomo IV
Vol. 1 - O Passe (Imposição de Mãos)
Vol. 2 - Espiritismo e Obsessão

Curso de Educação Evangélica Espírita
1º Ano - Tomo I
Vol. 1 - Monoteísmo e Jesus
Vol. 2 - Homem Novo

2º Ano - Tomo II
Vol. 1 - Do Calvário ao Consolador
Vol. 2 - Bem-Aventuranças e Parábolas

3º Ano - Tomo III
Vol. 1 - As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)
Vol. 2 - Espiritismo e Questão Social

4º Ano - Tomo IV
Vol. 1 - Espiritismo e Sexualidade
Vol. 2 - Espiritismo e Liberdade

CURSOS DE DIVULGADOR E EXPOSITOR ESPÍRITAS

1º Ano - Tomo I
Vol. 1 - O Surgimento da Doutrina e o Estudo do Evangelho - I
Vol. 2 - O Surgimento da Doutrina e o Estudo do Evangelho - II

2º Ano - Tomo II
Vol. 1 - Espiritismo e Religião (A Formação das Religiões como Ciências Morais. Dos Primórdios ao Limiar da Era Cristã) - 1ª Parte.
Vol. 2 - Idem - 2ª Parte

3º Ano - Tomo III
Vol. 1 - Espiritismo e Filosofia (A Formação da Filosofia Clássica) Dos Primórdios até Leibnitz
Vol. 2 - Espiritismo e Filosofia (A Formação da Filosofia Moderna) De Kant ao Advento do Espiritismo

4º Ano - Tomo IV
(Em elaboração)

CENTRO DE ESTUDOS

Espiritismo e Conhecimento
Estudos de Espiritismo e de Física - Vol. 1
Espiritismo e Vida - 1ª Parte

ÍNDICE

Esclarecimento 12

CAPÍTULO I - Indução Mental
Inteligência 14
Radiações da Matéria Mental 14
Indução das Radiações Mentais 16
Destino 18
A Mente nos Fenômenos Mediúnicos 19
Parte Prática 22
Desenvolvimento do Trabalho 22

CAPÍTULO II - Quem são os Médiuns
Todos Somos Médiuns 25
A Mediunidade é Tarefa 26
Preparação para a Tarefa Mediúnica 27
A Educação Mediúnica 29
O Médium Não é um Autômato 30
Aula Prática 33

CAPÍTULO III - Mediunidade de Efeitos Físicos
O Perispírito ou Corpo Espiritual 34
Manifestações Físicas 36
Princípio Vital 38
Princípio Mental 42
Aula Prática 44

Capítulo IV - O Poder da Mente
Fenômenos Físicos 46
A Importância do Médium 47
A Classificação dos Fenômenos Físicos 48
O Conceito de Mediunidade 49
A Saúde 50
Aula Prática 53

CAPÍTULO V - Corrente Mediúnica
Ideação 55
Sintonia 56
Observações Mediúnicas 58
Mediunidade e Individualidade 59
Aula Prática 62

CAPÍTULO VI - Mediunidade e Personalidade
Cérebro e Mente 64
Caráter e Personalidade 65
Espíritos Sofredores 67
Quedas Espirituais 69
Aula Prática 71

CAPÍTULO VII - Circuito Mediúnico
Assimilação de Correntes Mentais 73
Características do Circuito Mediúnico 75
Resistência 76
Indutância 76
Capacitância 78
Aula Prática 81

CAPÍTULO VIII - A Tarefa Mediúnica
Analogia de Circuitos 83
Continuidade de Correntes 83
O Papel do Médium 85
Condução das Correntes 89
Aula Prática 90

CAPÍTULO IX - Magnetismo Mental
Introdução 92
Dotes Mediúnicos 92
Meu Reino Não é Deste Mundo 93
Aula Prática 100

CAPÍTULO X - Mediunidade e Magnetismo
Magnetismo 101
Ferromagnetismo e Mediunidade 102
Vida Espiritual: o Relato de André Luiz 103
Aula Prática 109

CAPÍTULO XI - Mediunato Mal Sucedido
Centro de Mensageiros 111
Dificuldades da Tarefa 112
Aula Prática 118

CAPÍTULO XII - Missão Malograda
A Queda de Otávio 119
O Desastre de Acelino 121
Ouvindo Impressões 122
A Experiência de Joel 123
Belarmino, o Doutrinador 123
A Palavra de Monteiro 125
Cursos de Educação Mediúnica 126
Aula Prática 128

ESCLARECIMENTO

Com o presente texto inicia-se propriamente, na Escola de Educação Mediúnica, o estudo da mediunidade e as aulas práticas de desenvolvimento. Isto após um ano e meio de curso: um ano de Curso Básico e um semestre do 1º ano, o que pode representar demora excessiva e um certo desenvolvimento mediúnico, ou, ainda, a necessidade de ativarem mais rapidamente seus dotes.

O esquema adotado prende-se essencialmente a dois fatores:

1º - o programa da escola é feito para aquelas pessoas que ingressam na Doutrina;

2º - quer relacionar o trabalho prático ao desenvolvimento teórico.

Certo de que, qualquer que seja o esquema escolhido, ele não atende a todos os casos, para resolver o problema citado, adotou-se procedimento já consagrado dentro da **C.E.P.**

Os alunos que, ao entrarem no Curso Básico, necessitam de um atendimento mais rápido, relativamente à mediunidade, são encaminhados a um trabalho suplementar de caráter prático, que fazem paralelamente com o básico.

Ingressando no primeiro ano da Escola de Educação Mediúnica continuam no mesmo sistema o curso e o trabalho suplementar, até o fim do 1º semestre. No segundo, ocasião em que se iniciam os trabalhos práticos do Curso, cessa o trabalho suplementar e os alunos que o faziam continuam apenas o Curso de Educação Mediúnica que, agora, já inclui a parte prática para atender ao desenvolvimento mediúnico. Tais alunos, evidentemente, estarão em vantagem em relação aos outros. Por isto, não só terão a oportunidade de recapitular questões junto à sua justificação teórica, mas poderão atuar como auxiliares para o desenvolvimento mediúnico de seus companheiros, com evidentes benefícios para todos.

Certamente há outros detalhes. Um maior esclarecimento poderá ser obtido junto à Direção da Escola.

Característica importante deste Curso é a importância que se dá à formação doutrinária do médium e à sua conscientização quanto ao papel de sua personalidade e à necessidade de seu aperfeiçoamento, entendendo com André Luiz que... "Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio." (NOS DOM. DA MEDIUNIDADE - Cap. IX)

Como em tudo, certamente, não é esta a única forma de oferecer-se um curso destinado à preparação do médium do ponto de vista espírita, nem, possivelmente, o melhor.

A experiência consagrará o que seja efetivamente bom e apontará as deficiências que necessitarem correção. Num processo científico, o conhecimento evolui e as conquistas de hoje obrigam a reformulações, amanhã. Neste sentido, esta **C.E.P.** estará sempre aberta a todas as sugestões e receberá sempre com muita alegria toda contribuição capaz de trazer aperfeiçoamento a este trabalho, cujo objetivo maior diz respeito a todos nós.

Rino Curti

CAPÍTULO I

Indução Mental

1.1. - Inteligência

Em [1], Cap. 4 foram definidas várias faculdades humanas, a intuição como uma delas, evolutiva, resultante do acervo de nossas conquistas, o que justifica falarmos do nível intuitivo de uma pessoa.

Nível intuitivo, capacidade de raciocionar, grau de sintonia que somos capazes de sustentar com outras mentes, associados ao teor de nossos desejos, sentimentos e interesses, constituem, no seu todo, o que denominamos de inteligência — nosso grau de perceptividade, alcance e reflexão, que nos define o nível evolutivo.

1.2. - Radiações de Matéria Mental

Na base de toda manifestação psíquica está a mente: e através dela que o Espírito externa seus poderes.

Nos seres inferiores, os estímulos captados por eles, no meio ambiente, traduzem-se numa resposta impulsiva, automática, regulada pelos instintos.

Nos seres humanos, os estímulos captados são transformados em idéias que, por sua vez, são submetidas à reflexão, ao raciocínio, em combinações várias, cada uma representando uma alternativa de ação. A pessoa, enfim, decide-se por uma delas e, a seguir, age, registrando as conseqüências e avaliando-as.

O que a mente seja, em essência, não o sabemos. Diz Emmanuel, em [2], Cap. 1, que ela atua como um espelho refletor de estímulos, cujo ".... reflexo, esboça a emotividade; esta plasma a idéia e a idéia determina a atitude e a palavra que comandam as ações...".

André Luiz a aponta como "... um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios..." - ([4], Cap. 1.).

Sempre com base em André Luiz, já dissemos, em [3], Cap. 11, que a mente, num processo comparável ao da respiração, absorve fluido cósmico e o emite como matéria mental, restituindo-o ao meio ambiente, com as características que a natureza de nossa atividade mental lhe imprime.

A esta altura cabe outra analogia. Quando a matéria é excitada de modo a fazer vibrar somente moléculas e átomos, produzem-se ondas eletromagnéticas longas: as ondas de calor. Quando os elétrons chegam a vibrar, saltitando em suas órbitas, produzem-se ondas mais curtas: as ondas luminosas. Quando a excitação atinge o núcleo, as ondas tornam-se ultracurtas: produzem-se os raios gama, que têm poder de produzir as transformações atômicas radioativas. ([3], Cap. 11).

Servindo-nos desta analogia, podemos dizer que, em relação às nossas tendências, absorvemos as radiações que nos circundam e com as quais sintonizamos. Delas recebemos os estímulos aos quais nossa mente responde com um nível de emotividade que depende do nosso grau de assimilação e de disposição. Se estivermos apenas acomodados ao sabor da vida, desatentos, não empenhados em qualquer dever, nossa resposta se constitui de uma emotividade reduzida que oferece pouca excitação à matéria mental, provocando apenas a vibração dos átomos, com a produção de "... ondas muito longas ou de simples sustentação da individualidade, correspondendo à manutenção de calor...". Mas, se estivermos entregues a estados de maior atenção, ou "tensão pacífica", em momentos de estudo, reflexão, trabalho profícuo ou oração natural, a emotividade excita os elétrons dos átomos mentais, "o campo de pensamentos exprimir-se-á em ondas de comprimento médio ou de aquisição de experiência, por parte da alma, correspondendo à produção de luz interior". Finalmente, se estivermos entregues a estados de alma extraordinários, a emoções profundas, dores indizíveis, a concentrações mentais intensas, ou súplicas aflitivas, nossa emotividade prorrompe em excitação que atinge os núcleos dos átomos men-

tais e o "domínio dos pensamentos emitirá raios muito curtos ou de imenso poder transformador do campo espiritual, teoricamente semelhante aos que se aproximam dos raios gama". ([5], Cap. IV).

Destarte, pelo exame das radiações que emitimos, podemos ser avaliados e reconhecidos. Contra a idéia generalizada de que os valores não se medem, o mundo das ondas e radiações nos revela que "a moralidade, o sentimento, a educação e o caráter são claramente perceptíveis através de ligeira inspeção". ([4], Cap. 2).

É com base nestes conceitos que devemos entender não ser possível mentir ou esconder nosso íntimo ao plano espiritual.

1.3. - Indução das Radiações Mentais

Nossa emotividade plasma a idéia, "um ser organizado por nosso Espírito a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção". ([4], Cap. 1).

Neste ponto devemos recorrer a novas analogias. Por exemplo, o iconoscópio, na televisão, é uma válvula que capta imagens num mosaico, uma superfície varrida por um feixe eletrônico, ponto por ponto. O que forma a imagem é a diferença de luminosidade em cada ponto. O feixe eletrônico, ao percorrer a superfície do mosaico, gera em cada ponto uma corrente proporcional à sua luminosidade, transformando, portanto, imagens em correntes elétricas. São estas que, manipuladas de certa maneira em determinados dispositivos, geram ondas emitidas no espaço e que, ao serem captadas por receptores, através de outras tantas manipulações e transformações, reproduzem as imagens.

A idéia produzida por nossa emotividade, em nossa mente, deve ser entendida como algo que, como a imagem no mosaico, é elemento de apoio para, através de implementos de nossa organização fisiopsicossomática, transmitir, primeiro a nós mesmos, as influenciações de nossos estados d'alma, comandando-lhe o tônus vibratório e as disposições, e segundo, aos outros, a manifestação de nossa maneira de ser. E assim como a reprodução de uma cena, na televisão, nos transmite as emoções imprimidas pela representação, da mesma maneira a reprodução de nossas idéias, nos outros, reproduz não somente nosso pensamento, mas inclusive as emoções a que ele está associado.

A este fenômeno, ao fenômeno de uma mente poder despertar, em outras, as mesmas peculiaridades do pensamento que as origina e os estados d'alma a elas associados, é que se denomina de indução mental. Conseqüentemente, pelas nossas idéias, estabelecemos para nós o ambiente psíquico que nos é particular, agindo e reagindo uns sobre os outros, do que resulta a nossa própria existência.

Diz Emmanuel em [2], Cap. 8: — Segundo o teor de nossos pensamentos atraindo aqueles que se afinam com os nossos, somos compelidos ao bem ou ao mal. "Quando nos detemos nos defeitos e faltas dos outros" nossa mente absorve "as imagens deprimentes de que se constituem... geralmente os censores do procedimento alheio acabam praticando as mesmas ações... porquanto... absorvem-lhe inconscientemente as emanações..."

Revela-se-nos aqui, mais uma vez, para uma regra moral de comportamento, a lei natural que a justifica. Ao preceito "Não julgueis" ([7], Cap. X), na lei da indução mental descortinamos o princípio básico que o regula: ao conhecimento prático da regra, soma-se, agora, o conhecimento teórico de sua razão de ser. A Doutrina nos eleva e completa o nível de conhecimento.

Diz ainda Emmanuel em [2], Cap. 9: — "Nossas emoções, pensamentos e atos são elementos dinâmicos de indução... Auxiliando a outrem sugerimos o auxílio em nosso favor. Suportando... instilamos paciência e solidariedade, colhendo-lhes os efeitos nas individualidades alheias...

Somos assim responsáveis pela nossa ligação com as forças construtivas do bem ou com as forças perturbadoras do mal".

André Luiz, em [5], Cap. IV, diz: — "Emitindo uma idéia passamos a refletir as que se lhe assemelham, idéia essa que

para logo se corporifica com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la.. É nessa projeção de forças a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamento, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo, ou nô-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha... A mente de cada um, pelas correntes de matéria mental que exterioriza, eleva-se a gradativa libertação no rumo dos planos superiores ou estaciona em planos inferiores".

1.4. - Destino

A noção básica do Espiritismo, como já o dissemos em [1] é a de que o espírito evolui através das reencarnações, evolução que, na fase humana, lhe é entregue ao livre-arbítrio, passando a constituir-se em sua responsabilidade.

Kardec estuda em [6], Cap. IX, do Livro 3º, sob o título "Lei da Igualdade", esta questão.

Em primeiro lugar, estabelece uma noção de responsabilidade relativa ao grau de desenvolvimento de cada um: somos o resultado de nossas idealizações. A ideação, em cada um, é fruto de seu estágio evolutivo, de sua compreensão, suas concepções, seus sentimentos, desejos, do seu nível de aprendizado. Cada um se move dentro das dimensões que lhe são próprias. Pelas idéias que cultivamos, criamos os motivos que nos alegram ou entristecem, que nos animam ou deprimem, que nos trazem satisfação ou desalento e que, por sua vez, determinam as forças que nos levam à vitória ou ao fracasso, ao crescimento ou ao estacionamento.

Diz Emmanuel em [2], Cap. 10: — "Todos somos compulsoriamente envolvidos na onda mental que emitimos de nós.

Categorizamo-nos bons ou maus, conforme o uso de nossos sentimentos e pensamentos...

Quando coléricos e irritadiços, agressivos e ásperos para com os outros, criamos por atividade reflexa o desalento e a intemperança, a crueldade e a secura para nós mesmos e, quando generosos e compreensíveis, prestimosos e úteis para com aqueles que nos cercam, criamos, conseqüentemente, a alegria e a tranqüilidade, a segurança e o bom ânimo para nós próprios.

Responde-nos a vida em todas as coisas e em todas as criaturas segundo a natureza de nosso chamamento... "

À pergunta 851, [6], Livro 3º, Cap. X: — Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida...? — é dada a seguinte resposta: — "A fatalidade não existe senão para a escolha feita pelo Espírito, ao se encarnar, de sofrer esta ou aquela prova: ... no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito... é sempre senhor de ceder ou resistir."

Diz Kardec, em comentário, após a pergunta 852: — "As idéias justas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar segundo o nosso caráter e a nossa posição social."

Diz Emmanuel em [8], nº 5, — "... somos o que decidimos, possuímos o que desejamos, estamos onde preferimos e encontramos a vitória, a derrota ou a estagnação conforme imaginamos... Os acontecimentos obedecem às nossas intenções e provocações manifestas ou ocultas.

Encontramos o que merecemos, porque merecemos o que buscamos.

A existência, pois, para nós, em qualquer parte, será invariavelmente segundo pensamos."

Diz ainda em [8], nº 25, que a criatura, diante do destino e da dor, deve consagrar-se à apreciação do pensamento, da vida mental, assim como o fazemos diante do corpo, cuja investigação mobiliza verdadeiras legiões de cientistas. Em [8], nº 26, afirma: — "Em forma de impulsos e estímulos, a alma recolhe, nos pensamentos que atrai, as forças de sustentação que lhe garantem as tarefas no lugar em que se coloca... De modo imperceptível, "ingerimos pensamentos", a cada instante, projetando, em torno de nossa individualidade, as forças que acalentamos em nós mesmos."

1.5. - A Mente nos Fenômenos Mediúnicos

A palavra médium, antes de tudo, foi instituída para desig-

nar o intermediário entre encarnados e desencarnados. Por mediunidade, entendeu-se a faculdade que possibilitava esta comunicação.

Aprofundando o conceito, André Luiz já a conceitua com maior amplitude: — "Examinando, pois, os valores anímicos como faculdades de comunicação entre Espíritos, **qualquer que seja o plano em que se encontrem** (o grifo é nosso), não podemos perder de vista o mundo mental do agente e do recipiente." ([4], Cap. 1).

Embora isto seja justificado mais tarde, é conveniente desde já que fixemos esta idéia de mediunidade como faculdade de comunicação entre mentes, encarnadas ou não, portanto, que se estabelece entre os Espíritos e que compreende a assimilação de idéias já descrita.

Assim entendida, antes de tudo, quem recebe está limitado por seus recursos próprios a captar aquilo que está nas suas possibilidades, impondo-lhe a coloração, inclusive, daquilo que lhe é próprio. Quem emite, o fará dentro daquilo que sabe fazer, enunciar e expor.

Diz André Luiz que "Um hotentote desencarnado, em se comunicando com um sábio" encarnado, não poderá transmitir-lhe senão suas experiências primitivistas: e que um sábio desencarnado não conseguirá fazer-se compreendido de um hotentote encarnado, a não ser naqueles assuntos relativos à vida que lhe é própria. Nenhum dos dois conseguiria sentir-se feliz em companhia um do outro "por falta desse alimento quase imponderável a que podemos chamar vibrações compensadas". ([4], Cap. 1).

É da lei que devamos alcançar nossas maiores alegrias com aqueles que "permutam conosco valores mentais de qualidades idênticas às dos nossos"([4], Cap. 1). Vide [1], Cap. 10.

"Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem, é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe os valores morais e culturais, os únicos que nos possibilitam fixar a luz que jorra do amor que supervisionam nossas experiências... E, como não podemos fugir ao imperativo da atração, somente retrataremos a claridade e a beleza se instalarmos a beleza e a claridade no espelho de nossa vida íntima... Elevemos nosso padrão de conhecimento pelo estudo bem conduzido e apuremos a qualidade de nossa emoção pelo exercício constante das virtudes superiores, se nos propomos recolher a mensagem das Grandes Almas.

Mediunidade não basta só por si.

É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos para conhecer da qualidade de nosso trabalho e ajuizar da nossa direção"([4], Cap. 1º).

a - Bibliografia

[1] - Rino Curti - Espiritismo e Evolução.
[2] - Emmanuel - Pensamento e Vida.
[3] - Rino Curti - Cristianismo: De Jesus a Kardec.
[4] - André Luiz - Nos Domínios da Mediunidade.
[5] - André Luiz - Mecanismos da Mediunidade.
[6] - Allan Kardec - O Livro dos Espíritos.
[7] - Allan Kardec - O Evangelho Segundo o Espiritismo.
[8] - Emmanuel - Roteiro.

b - Leituras Complementares

Os capítulos dos livros citados no texto.

c - Perguntas

1ª - O que entende por inteligência?
2ª - O que é a mente?
3ª - Explique a expressão "luz interior".
4ª - Podem as qualidades do Espírito serem medidas? Explique.
5ª - O que significa: "a idéia é um ser organizado por nosso Espírito"...?
6ª - Defina a indução mental.
7ª - De que forma a Doutrina amplia o conhecimento acerca dos preceitos morais?
8ª - Explique a noção de responsabilidade relativa.
9ª - Há fatalidade? Explique.

10ª - Por que é necessário incorporar valores morais e culturais para sintonizar com esferas mais elevadas?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.

Estudar e pôr em prática o Cap. 1.

PARTE PRÁTICA
Organização

1 - A parte prática será conduzida pela equipe dirigente, constituída de:

- O Dirigente,
- O Assistente,
- O Secretário,
- Três Médiuns: um Coordenador e dois auxiliares.

2 - Os alunos serão divididos em dois grupos:

- 1º Grupo - constituído por aqueles alunos cuja mediunidade se apresente mais evidenciada, distribuídos nas primeiras fileiras, distanciadas entre si, de modo a permitir a passagem livre dos médiuns.

2º Grupo - constituído pelos outros alunos, que permanecerão nas filas subseqüentes, sem necessidade de maior distanciamento entre elas, ao contrário das primeiras.

Observação: A divisão dos alunos nos dois grupos não deve ser encarada de maneira definitiva. Em cada trabalho prático a composição dos dois grupos poderá ser alterada, a critério dos médiuns ou por indicação do Plano Espiritual.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO
1ª Aula Prática

Título: Aura. Concentração.

1ª Parte: - Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula. Cap. 1º, Tomo 1º, Vol. 1º (Pelo Secretário).

(4 min.) A2 - Leitura de um capítulo escolhido em um dos seguintes livros de Emmanuel:

C - Caminho, Verdade e Vida.

P - Pão Nosso.

V - Vinha de Luz.

F - Fonte Viva.

(Pelo Assistente, com um comentário muito breve).

(4 min.) A3 - O Dirigente tece alguns comentários sobre a prece, após o que convida um dos presentes a fazer a prece de abertura.

(8 min.) A4 - Os alunos continuam em prece mental, enquanto os médiuns percorrem os alunos do primeiro grupo, deixando-se conduzir pelo Plano Espiritual, que poderá fazer ou não observações, recomendações, passes...

(3 min.) A5 - O Dirigente convida um dos presentes a fazer vibrações.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

O Dirigente entrega a direção desta parte aos médiuns.

O exercício diz respeito à concentração.

A concentração é ato voluntário; é dirigir a atenção para o trabalho, com interesse, desligados de todo e qualquer outro assunto, preocupação, motivo estranho ao que se passa no recinto.

Os alunos devem assumir postura normal, descontraída, calma, sem resvalarem mentalmente para cogitações ou curiosidade, **sem dar passividade.** Ficar apenas atentos. Devem deixar-se conduzir pelos médiuns, aos quais caberá descrever o que se passa no meio, e receber orientações. Não devem dar margem a divagações, ouvindo somente, sem interpor mentalmente críticas, raciocínios, indagações.

Tudo isto poderá ser feito, porém após a conclusão dos trabalhos, perguntando aos responsáveis ou dirigindo-se aos textos, por investigação. Ou ainda, em perguntas a serem feitas durante as aulas, nos momentos destinados a elas.

Na concentração a nossa mente intensifica sua ação e a matéria mental vibra, emitindo radiações que nos constituem

a aura, pela qual podemos ser avaliados pelos Espíritos. Tais radiações são caracterizadas pelos pensamentos e sentimentos que mais cultivamos. Por eles nos revelamos e somos examinados.

Os Espíritos eventualmente farão considerações a respeito e poderão dar indicações designando características mediúnicas, indicando tarefas e compromissos.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)

O Dirigente assumirá novamente a direção do trabalho e dará oportunidade à manifestação do Plano Espiritual por um dos médiuns.

A seguir convidará um dos presentes a fazer a prece de encerramento.

Finalmente, encerra o trabalho.

CAPÍTULO II

Quem São os Médiuns

2.1. - Todos Somos Médiuns

Como foi dito no Cap. 1º, entendendo-se com André Luiz "os valores anímicos como faculdades de comunicação entre os Espíritos", resulta que todos somos médiuns: temos mediunidade. E, isto, em todos os povos, todas as épocas, em qualquer estágio evolutivo de cada um. Aliás, para os primitivos, ela é a principal fonte de cura e orientação. Entre eles, os que se amoldam à comunidade, às suas tarefas, aceitando-lhe os deveres, as obrigações e as participações na produção do bem comum, estabelecem sintonia com os Espíritos mais avançados, trocando pensamentos de cultura e beleza, gerando trabalho e progresso, colhendo noções de elevação moral e de orientação para o desenvolvimento de atividades de caráter artesanal, que beneficiam o meio a que se vinculam. Os que se entregam à rebeldia, às más sugestões, permanecem atados às malhas da ignorância, patrocinam as manifestações do mal, pelas quais se envolvem em processos obsessivos, gerando reencarnações de reparação e reajustamento, pela dor e pelo sofrimento ([1], Cap. XV).

Estudos feitos entre os índios mostram que as criaturas que evidenciam tais faculdades são reconhecidas desde pequenas e, a partir desse momento, já são orientadas para o desenvolvimento por métodos próprios de iniciação e preparo. É através delas que se obtêm as orientações de cura, estímulo e conhecimento. É a fonte principal.

Aliás, é nesta fase que a orientação espiritual se faz mais próxima e mais intensa. O primitivo se encontra diante da vida feito a criança para a qual é necessário desvelar-se com os maiores cuidados e atenções. Entregue a si mesmo, ignorante, desconhecedor de tudo que diz respeito a si próprio e ao seu habitat, tal qual o animal, não sobreviveria, se não fosse assistido e mantido em condições ecológicas previamente

estabelecidas. O mesmo aconteceria conosco, se tivéssemos de perder, em certo instante, todo o suporte social e ambiental que nos beneficia: o emprego, a moradia, a família etc...

Ninguém está entregue a si mesmo:

Mateus: 10.29 — "Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai.

30 — E até mesmo os cabelos de vossa cabeça estão todos contados.

31 — Não temais, pois mais valeis vós do que muitos passarinhos."

2.2. - A Mediunidade é Tarefa

Em nosso estágio, a mediunidade nas suas formas específicas e pronunciadas é encargo, como o são as diversas funções que exercemos na sociedade.

Da mesma maneira que existem os gênios da Mecânica, que lhe descobrem as leis, os princípios, os fundamentos, para, a seguir, se sucederem os idealizadores das aplicações, construtores de máquinas projetistas, desenhistas, operários e os que fazem manutenção, assim há os grandes iniciados, os homens portadores de grandes Revelações, fundadores de Religiões, secundados pelos que as organizam, edificam-lhes as teologias, ministram-nas em âmbitos diversos, até aqueles que lhes difundem as esperanças e consolos dirigidos às pessoas em particular.

Os homens reencarnam com determinado programa de trabalho, com uma função a exercer junto a outros, constituindo grupo, família e associação pré-estabelecidos ([2], Cap. VIII), dentro de um plano de realizações, com assistência e amparo constantes do Plano Espiritual, quase sempre insuspeitado por nós.

André Luiz, em [3], Cap. 41, narra sobre um trabalhador que, conduzindo uma carroça, maltratava o animal até que este lhe desferiu um coice, fraturando-lhe o crânio. Em instantes, surge a equipe de socorro, como há tantas, a fim de acudir, anestesiar, amparar. Seu chefe dirige-se ao "vigilante desencarnado" admoestando-o:

— Mas você não podia ter evitado?

— Mas de que forma? O homem estava possesso, tomado de furor, exasperação, braveza, despejando toda sua ira e insânia no pobre animal. Estava totalmente surdo e impenetrável a qualquer sugestão apaziguadora.

2.3. - Preparação Para a Tarefa Mediúnica

1. Em função das atribuições de que se investem, as pessoas, antes de reencarnarem, recebem preparação adequada e nascem com compromissos já assumidos.

Admitamos que alguém já tenha alcançado certo acervo de experiências e conhecimento ao longo das reencarnações, em determinado campo de ação. Na arte de curar, por exemplo: um médico. O Espírito, entretanto, necessita fazer as mais variadas aquisições, para o seu progresso e evolução. Suponhamos que decida desenvolver-se em tarefas de construção. Não voltará, certamente, para começar pelas tarefas mais complexas. Iniciará pelas mais acessíveis, a partir das quais desenvolverá conhecimento, aptidões até atingir as culminâncias da capacitação, o que lhe poderá exigir além de uma encarnação, em obediência às leis evolutivas.

Com a tarefa mediúnica sucede algo semelhante.

Trata-se de uma incumbência, um ministério, um sacerdócio, pelo qual as pessoas têm de submeter-se à condição de intermediários, para o ministrar de orientação e consolo. Mesmo porque é uma prova de desenvolvimento de altos valores educativos, aptidões e virtudes, em função do grau de renúncia e sacrifício que requer, para o burilamento, a transformação e a sublimação de tendências que, inclusive, tenham sido causa de queda e de fracasso.

2. Conta André Luiz em [3] alguns casos elucidativos.

Em [3], 7, Otávio confessa: — "Depois de contrair dívidas enormes na esfera carnal noutro tempo, vim bater às portas de "Nosso Lar". Preparei-me, então, para voltar à Terra em tarefa mediúnica, desejoso de saldar contas e elevar-me a alguma coisa". Em [3], 10, Joel relata: "... minha tarefa mediúnica

exigia sensibilidade mais apurada e, quando me comprometi à execução do serviço, fui ao Ministério do Esclarecimento, onde me aplicaram tratamento especial, que me aguçou as percepções".

Já Emmanuel em [5], Cap. XI, a respeito dos médiuns, afirma: "não são missionários na acepção comum do termo: são almas que fracassaram desastradamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas... Espíritos que tombaram dos cumes sociais... almas arrependidas que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam..."

Em suma, criaturas como nós, em evolução e com um plano de trabalho a realizar.

E assim como há, em um ramo da tecnologia, desde o operário até o teoretizador, há médiuns desde aquele que articula as modalidades primeiras da missão, até aquele que é o enviado das grandes revelações, delimitando larga plêiade de expressões mediúnicas.

3. Entre os primitivos a tarefa mediúnica não tem muitas variantes. Numa sociedade como a nossa ela já se diferencia em tipos de teores diversos, correspondentes à diferenciação de aptidões, que desenvolvemos em decorrência da diversificação de tarefas, experiências e trabalho a que somos submetidos na vivência em sociedades altamente organizadas, cada qual com necessidade de existência e importância de utilização ([4]).

Da mesma forma que, para consertar um carro, recorremos a um mecânico de manutenção e não ao Diretor Chefe das Pesquisas, projetos e desenvolvimento da fábrica, ou que necessitados de instalação elétrica em nossa casa, recorremos ao eletricista mais próximo e não ao Diretor Técnico da Empresa de Energia Elétrica, analogamente, para os grandes desenvolvimentos doutrinários, científicos, filosóficos e religiosos, se requerem os grandes médiuns, enquanto para o recebimento de um passe, visando o imediato refazimento psíquico, a recomposição das forças alentadoras, basta o médium iniciante, do Centro mais próximo, verdadeiro posto de socorro e sustentação.

2.4. - A Educação Mediúnica

1. Continuando com nossas analogias consideremos, por exemplo, uma pessoa que encarna com a incumbência de curar. Alguém de nível evolutivo comparável ao nosso. Apesar de já vir municiado de conveniente preparo, não lhe é eximida a condição de passar pela infância, meninice, mocidade e maioridade, nem de submeter-se aos vários estágios escolares que se exigem para o exercício de uma profissão.

Se iniciante na arte de curar, provavelmente não ultrapassará as primeiras etapas da profissão. Permanecerá um auxiliar, um enfermeiro, um técnico de laboratório, quiçá, mesmo que, em outras profissões e em outra encarnação, tenha alcançado situação de destaque.

O que poderá alcançar, nesta nova experiência, estará condicionado ao grau de desenvolvimento que lhe foi dado atingir, em função do seu grau evolutivo no assunto, sem qualquer outro entrave que não seja o de suas próprias limitações. Se com bagagem maior, chegará a médico. Se estiver acima de todos os padrões comuns, ultrapassará a escola, os mestres: tornar-se-á um gênio.

E, uma vez situado no nível que ele próprio é capaz de alcançar, prosseguirá em seu desenvolvimento ou não, segundo o empenho que, por seu livre-arbítrio, empregar.

2. Com o médium dá-se o mesmo.

Da mesma maneira que os profissionais, apesar do patrimônio que já detêm de outras encarnações, precisam de escola que os conduza até à conquista do diploma, assim o médium necessita de escolas especializadas que lhe possibilitem o desenvolvimento seguro e harmonioso, o aculturamento doutrinário — evangélico: o aprimoramento, a transformação e sublimação de suas tendências menos edificantes, capacitando-o ao exercício de seu apostolado, com a habilitação e discernimento adequados. Tudo isto para que saibam em que consiste a mediunidade, como se manifesta, as responsabilidades e conseqüências que acarreta, o que exige, os objetivos a que visa, e para situá-los na posição que lhes cabe.

Nem mais, nem menos. Mesmo porque as pessoas a quem se solicita menos do que possam oferecer, não se satisfazem e aquelas, que são impelidas a dar mais do que podem, inibem-se e sucumbem ao peso.

E, como em qualquer outra situação, como pessoa humana, necessitam de uma escola que lhes possibilite ativar as próprias disposições, com os conhecimentos adequados, aptas a auxiliá-las no exercício de suas faculdades, no seu aperfeiçoamento e progresso, em diferentes graus.

2.5. - O Médium Não é Um Autômato

1. As responsabilidades dos médiuns dizem respeito à disseminação de esperanças e consolos; ao atendimento das necessidades de ordem moral. Mas eles próprios não são máquinas, instrumentos passivos. São intermediários que participam com seu conhecimento, preparo, espírito de renúncia colaboração, disposição de servir. São quais trabalhadores incumbidos de trabalho em um posto de produção.

Um torneiro, por exemplo, não é um robô, alguém que nasce feito, pelo qual perpassa uma ordem e que ele, programada mente, executa. É uma pessoa que requer certo grau de treinamento, experiência e instrução, para poder receber uma mensagem que, interpretada e assimilada, executa com seus recursos.

Uma mensagem que consta de um desenho, com normas especificações e dimensões que deverá entender e interpretar. A seguir, fará a peça com o conhecimento e a experiência que lhe são peculiares, imbuído de uma disciplina que o faz submeter-se a ordens, a um horário e às determinações de uma chefia e com um grau de renúncia que se configura com a aceitação de recompensa e salários convencionados pelo mercado, no que concerne à sua função.

Com os médiuns não é diferente. Senão vejamos!

No intercâmbio de idéias e pensamentos estabelece-se entre o médium e a entidade comunicante, corrente de forças mentais, assim como em um circuito elétrico. Neste, polo positivo e negativo, ligados por um condutor, fazem veicular nele uma corrente, desde que se feche o interruptor e enquanto haja produção de energia que sustente, na fonte, seu fornecimento.

Pois bem, o estabelecimento da corrente mental tem, no médium, o pólo negativo; na entidade comunicante, o positivo. A sintonia é a tensão no condutor capaz de pô-los em comunicação; a vontade do médium em aceitar ou aderir ao intercâmbio, é o interruptor; a sustentação do pensamento de adesão por ele, é o manancial de energia que mantém a corrente mental.

E, assim como pela corrente elétrica podem-se produzir diferentes fenômenos: o calor, a luz etc., analogamente, pela corrente mental, podem-se produzir os diversos fenômenos mediúnicos.

A mente do médium é a mente receptiva. Quando adere, dispõe-se à atenção, de forma passiva, sem interposição das próprias idéias. Concentra-se por ato voluntário.

A sustentação dependerá, porém, de seus interesses e tendências e será tanto maior quanto mais instruído seja, no âmbito da sintonia a ser estabelecida. A recepção será tanto maior quanto menos se interponha com os próprios recursos.

Daí a necessidade do médium fortalecer a própria vontade, pelo domínio de si mesmo, pelo domínio e correção de seus hábitos e impulsos, impondo-se disciplina e submissão aos preceitos doutrinário-evangélicos, pelo trabalho, estudo, emprego do raciocínio, da meditação, da renovação interior. E isto será melhor conseguido desde que encontre, a guiá-lo, escolas, cursos devotados à sua educação e desenvolvimento mediúnicos, que o incentivem nas novas aquisições.

E, assim como o bom trabalhador, pelas realizações, dedicação e estudo, poderá aperfeiçoar-se, desenvolver-se e alcançar posições mais altas, assim o médium, dedicando-se com afinco, amor, estudo e devotamento, poderá alcançar expressões de mais alto valor e mais recompensadoras, para ele mesmo, no processo das conquistas de ordem espiritual.

a - Bibliografia

[1] - André Luiz - Evolução em Dois Mundos.
[2] - André Luiz - Nosso Lar.
[3] - André Luiz - Os Mensageiros.
[4] - Allan Kardec - O Livro dos Médiuns.
[5] - Emmanuel - Emmanuel.

b - Leituras Complementares

André Luiz - Os Mensageiros. Cap. 3: No Centro de Mensageiros.
André Luiz - Os Missionários da Luz. Cap. III: Desenvolvimento Mediúnico; Cap. IX: Mediunidade e Fenômeno.
Allan Kardec - O Livro dos Espíritos: Livro Segundo. Cap. IX: Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo.
Allan Kardec - O Livro dos Médiuns. Cap. XIV: Os Médiuns; Cap. XVI: Médiuns Especiais.
Irmão X - Contos Desta e Doutra Vida. Nº 37: Médiuns Espíritas.

c - Perguntas

(Observação: nas indicações o aluno encontrará maiores elucidações).

1ª - Para o homem que inicia o ciclo das reencarnações, como surge o artesanato? E as obsessões? ([1], Cap. XIII).
2ª - Explique por que a mediunidade é tarefa. ([3], Cap. 5).
3ª - Por que o médium necessita de educação mediúnica? ([4], Cap. IX).
4ª - Qual a finalidade das Escolas de Educação Mediúnica? ([4], Cap. IX).
5ª - Qual o papel do médium na comunicação ([5], Cap. VII).
6ª - Quais os requisitos que o médium deve possuir para uma comunicação fiel? ([5], Cap. VII).
7ª - Qual a importância da renovação intelectual e moral do médium? ([8], Cap. XX).

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 2.

2ª Aula Prática

Título: Indução Mental (Tomo 1º, Vol. 2º, Cap. 1º)

1ª Parte: Abertura (20 min.).

(1 min) A1 - Rever as recomendações para a aula do Cap. 2º, Tomo 1º, Vol. 1º.

A2, A3, A4 e A5 permanecem idênticos ao estipulado no capítulo anterior.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.).

Os alunos deverão permanecer em concentração sem dar passividade. Um médium discorrerá sobre a concentração, deixando-se conduzir pelo plano espiritual.

Se munidos de bons propósitos e vindos aos trabalhos com boa disposição, mesmo que não se manifeste qualquer fenômeno conosco, absorvemos fluidos benéficos.

Os alunos constatarão a presença de fluidos.

Na concentração, desligamo-nos em medida maior ou menor do corpo físico, sendo assistidos pelo plano espiritual, mesmo fisicamente. Quando vibramos, emitimos fluidos que os Espíritos utilizam para beneficiar necessitados. Por isto em qualquer trabalho mediúnico não se pode esquecer esta parte, no exercício de dar para receber.

Emitindo uma idéia, passamos a refletir as que se lhe assemelham. Emitir bons pensamentos é carrear para si influências benéficas, propiciando intuições sempre melhores. Evite, portanto, pensamentos de natureza inferior.

3ª Parte: Encerramento (15 min.).

O encerramento não muda: permanece o mesmo como estipulado no capítulo anterior.

CAPÍTULO III

Mediunidade de Efeitos Físicos

3.1. - Perispírito ou Corpo Espiritual

No **O Livro dos Médiuns,** segunda parte, a fim de explicar a razão de ser das manifestações espirituais, Kardec inicia com a noção de perispírito, que também denomina de corpo espiritual ou corpo fluídico do Espírito ([1], Cap. XXXIII). As denominações são várias, todas feitas com a preocupação maior de oferecer analogias para a melhor compreensão dos conceitos. Assim, no nº 54, ele o designa como "... esse agente misterioso, imperceptível, designado sob o nome de fluido nervoso...", distinto do Espírito. No nº 56 diz que "... ele é para o espírito aquilo que o corpo é para o homem: um agente, ou instrumento de ação...". No nº 56, lemos"... dobra-se à vontade do Espírito que lhe pode dar, à vontade, esta ou aquela aparência...". Quanto ao Espírito se lhe desconhece a essência. "... A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, é-nos inteiramente desconhecida... Ele tem como instrumento direto o seu perispírito, assim como o homem tem seu corpo. Depois tem como agente intermediário o fluido universal...". ([1], nº 58).

Como vemos identificam-se aqui as noções de Kardec e de André Luiz. Apenas, este, amplia a concepção: fala da natureza eletromagnética do corpo espiritual, ou psicossoma, dizendo-o diferente para cada um de nós, da mesma forma que não existem dois corpos iguais. ([2], Cap. II). André Luiz, em ([3], Caps. XII e XX), descreve-lhe algumas particularidades.

Em primeiro lugar, diz que ele resulta daquilo que somos e é nele que estão insitas as características que apresentamos em vida. A lei da hereditariedade, apontada apenas como a da transmissibilidade de caracteres dos pais para os filhos, é sem dúvida lei de herança material, a de que o ser renascerá entre seus semelhantes; mas, acima de tudo, significa que guardamos, como conquista inalienável, a síntese do que aprendemos, de nossas experiências, ao longo das reencarnações, quais estruturas, funções, faculdades, que nos constituem a individualidade. ([4], Cap. 6).

O psicossoma é regido por sete centros de força, que se interrelacionam pelas ramificações dos plexos, sintonizados entre si, ao influxo do poder diretor da mente ([3], Cap. XX): o **Centro Coronário,** receptor primeiro dos estímulos do Espírito, ([2], Cap. II), "... comandando os demais; ... sustenta o sistema nervoso e as suas subdivisões... É... o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade superior, capazes de favorecer a sublimação da alma...".

A seguir, a ele contíguo, temos "... o **Centro Cerebral,** que ordena as percepções... a visão, a audição, o tato e a vasta rede dos processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber...". Nele "... possuimos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos. Em seguida temos o **Centro Laríngeo,** que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide e das paratireóides. Logo após, identificamos o **Centro Cardíaco**, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral. O **Centro Esplênico**... sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação... dos recursos vitais... o **Centro Gástrico**, que se responsabiliza pela entrada dos alimentos e fluidos em nossa organização. Por fim, o **Centro Genésico**, em que se localiza o santuário do sexo como templo modelador das formas e estímulos.

O pensamento, matéria mental, vibrátil, portador de sinais transmissíveis, podemos assimilá-lo a algo semelhante a uma fita de vídeo, que, em sua contextura possue gravados, magneticamente, os sinais que, lidos por um cabeçote, são enviados a dispositivos que, após várias transformações, reproduzem sons e imagens. Nosso psicossoma é constituído de recursos, no coronário, que em "lendo" os sinais trazidos pela matéria mental, os transforma e os transmite aos diversos centros, cada um assimilando os sinais, pelos quais exercerão as funções que lhe cabem, na vitalização do inteiro organismo.

Do mesmo modo que a voltagem e a freqüência da fonte alimentadora (a tomada), influem no funcionamento do aparelho de vídeo, semelhantemente o poder vibratório da matéria mental, é quem governa a harmonia desses centros. Mais primitiva é a mente, menor poder vibratório possui o pensamento. Conseqüentemente o corpo espiritual é mais denso, situando-se, no Plano Espiritual, no habitat com que mais se afina. O crescimento deste poder liga-se diretamente à experiência adquirida e assimilada na construção do bem comum, como conquista definitiva. Claro está que, em virtude da ordem de pensamentos a que nos afeiçoemos, podemos elevar-nos pela sutilização de nosso envoltório, ou resvalar para regiões purgatoriais, pela aglutinação do mesmo e por densidade, onde se reúnem as vidas inferiores que lhes são afins.

O psicossoma, "... tanto quanto o corpo de carne, é criação mental no caminho evolutivo... tecido com recursos tomados transitoriamente por nós mesmos aos celeiros do Universo...". Por adaptação ao meio, o corpo espiritual assimila novos órgãos, novas disposições, que constituem as mutações, sob a regência do plano espiritual, que lhes guia o desenvolvimento moldando-os primeiro no corpo espiritual, até que o ser os reproduza no corpo físico, aprendendo a utilizá-los e a fixá-los definitivamente na sua organização fisiopsicossomática."... Quando a nossa mente, por atos contrários à Lei Divina, prejudica a harmonia de qualquer um desses fulcros de força da nossa alma, naturalmente se escraviza aos efeitos da ação desequilibrante, obrigando-se ao trabalho de reajuste...". ([3], Cap. XX).

3.2. - Manifestações Físicas

Kardec qualifica de manifestações físicas as que denominamos de fenômenos mediúnicos de efeitos físicos e que a Metapsíquica catalogou como fenômenos objetivos. São fenômenos desta classe os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos sólidos, como, por exemplo, o das mesas girantes.

De tais fenômenos, uns são espontâneos, outros provocados. Em [6], a razão de ser de suas características é atribuída às propriedades do "fluido vital" ou "fluido magnético animal", expressões analógicas, do mesmo modo que o eram, naquele tempo, "fluido elétrico" e "fluido magnético", e que são ditos aspectos distintos de uma forma primordial denominada de "Fluido Universal", forma de que o Espírito, continua dizendo, se serve para associar-se à matéria. "... suscetível, em suas inúmeras combinações com esta, e sob a ação do espírito, de produzir infinita variedade de coisas...", ([6], nº 27), do qual, "... o que chamais fluido elétrico, fluido magnético, (e que não chamamos mais assim, atualmente), são "... suas modificações. Lemos ainda que ele é o "... intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita... Embora, de certo ponto de vista, se pudesse considerá-lo como elemento material, ele se distingue por propriedades especiais. Se ele fosse simplesmente matéria, não haveria razão para que o espírito, não o fosse também. Ele está colocado entre o espírito e a matéria... suscetível, em suas inumeráveis combinações com esta, e sob a ação do espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais não conheceis mais do que uma ínfima parte. Esse fluido universal... é o princípio sem o qual a matéria permaneceria em perpétuo estado de dispersão, e não adquiriria jamais as propriedades que a gravidade lhe dá."

No nº 27-a, diz-se ainda: "... o fluido universal... não é... senão uma matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar como independente...". Chamemo-lo, então, também de princípio, em lugar de fluido, a fim de atualizar a linguagem.

Diz André Luiz que: "... Toda a riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente...", em concordância com a noção que temos da estrutura da matéria: ela é constituída de átomos que, por sua vez, são constituídos por partículas e um enorme contingente de energia. Tão diminutas são as partículas atômicas e tão grande é a quantidade de energia contida no átomo, que se pode considerá-lo um grânulo de energia concentrada; e os corpos, um pacote de energia condensada, que pode ser liberada à custa do desaparecimento do corpo o qual, por sua vez, pode ser reconstituído com ela "sob a ação do Espírito",

como se diz em [6]. Dizer isto é identificar o "Princípio Universal" com um PRINCÍPIO base, primordial, das diferentes formas de "Energia". Portanto, em lugar de "fluido vital", "fluido elétrico", ..., teríamos de dizer: energia vital, energia elétrica..., o que, em linguagem atual, se adequa melhor aos conhecimentos de nossos dias.

Desta forma, por "fluido vital" ou "energia vitalizante", entenderiamos a energia utilizada pelos espíritos para revestir-se de matéria e comandar, pela mente, a própria organização fisiopsicossomática que edifica evolutivamente; uma forma de energia a nós inacessível e, no dizer de ([1], nº 74), que "... anima apenas a matéria...", e só é acessível aos Espíritos Puros...".

Diz-se em ([6], 28): "... as palavras pouco nos importam. Cabe a vós formular a vossa linguagem, de maneira a vos entenderdes. Vossas disputas pessoais provém, quase sempre, de não vos entenderdes sobre as palavras, porque a vossa linguagem é incompleta para as coisas que não vos tocam os sentidos...".

E, mesmo porque, nosso conhecimento a respeito, é por demais limitado.

Diz André Luiz, em ([2], Cap. 1): "... Todavia, não obstante tatearmos com relativa segurança as realidades da matéria,... confessamos com humildade que não sabemos ainda, principalmente no que se refere à elaboração da luz, qual seja a força que provoca a agitação inteligente dos átomos, ... , preferindo reconhecer, em toda a parte, com a obrigação de estudar e progredirmos sempre, o hálito divino do Criador...".

Há a acrescentar que característica essencial dos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos é a de que eles são sempre devidos a uma ação inteligente.

3.3. - Princípio Vital

1. Como vimos, a matéria mental é o veículo das forças do Espírito. É de natureza corpuscular, "... em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo...". ([5], Cap. IV).

O sistema periódico é constituído de noventa e dois elementos. Os corpos de nosso Plano resultam deles, e de suas combinações associadas a formas de energia, a energia sendo o princípio "... de que o espírito se serve, ... sem o qual a matéria permaneceria em perpétuo estado de dispersão, e não adquiriria jamais as propriedades que a gravidade lhe dá... ([6], nº 27). Com isto temos a variedade de substâncias que compõem o nosso meio: sólidos, líquidos, gases, cada um com propriedades peculiares, que os tornam adequados a certos fins.

No plano espiritual, dos desencarnados do nosso plano, a matéria que lá se apresenta, em outro estado de condensação, é a nossa matéria mental, também composta de um certo número de elementos que "... transcendem o sistema periódico...", os quais, com propriedades outras, dão origem aos diversos corpos, ao meio, aos objetos, às formações mais variadas do mundo espiritual. Dela, então, haverá o correspondente aos sólidos, líquidos, gases, a diferentes estados, dos quais resultam materiais para a construção dos mais diversos apetrechos, com as propriedades mais diversas, algumas exprimíveis por nosso vocabulário, outras não.

É o que se depreende das narrações dos Espíritos, uma vez que descrevem moradias, apetrechos, alimentos, vestimentas... um mundo, enfim, em que a vida continua de forma semelhante à nossa, o que, aliás, é confirmado pelos videntes.

2. Enfim: o Espírito, por sua ação, nas infinitas combinações possíveis da matéria com a energia (dois princípios distintos ([6], nº 27), que pode efetuar produz a infinita variedade de coisas, inclusive própria veste, o instrumento de sua manifestação. Pela mente absorve fluido cósmico sobre o qual imprime as características do seu pensamento e ao qual, combi-

nando-o com a "energia vitalizante", lhe dá forma, o torna radiante, o "vitaliza", transformando-o em matéria mental, produtora de vários efeitos:

1º - comanda o corpo governando-lhe o modo de ser e a existência, pela ação sobre o fluxo da energia vital, a palavra vitalizar utilizada no sentido de indicar os efeitos de sua ação. Do mesmo modo que dizemos que o calor "esquenta", a luz "ilumina", a eletricidade "eletrifica", ... dizemos que a energia vital vitaliza, vivifica o corpo espiritual que, por sua vez vitaliza o corpo físico;

2º - irradia suas características, com poder indutivo, influenciando o meio e as mentes que com ele se afinam;

3º - dá origem a verdadeiras formas vivas de mais variados tipos, que se difundem no meio, guardando afinidade de atração com os espíritos que com elas se afinam, aglutinando. "... paisagens em que os espíritos por "densidade" se situam.

Diz André Luiz em ([2], Cap. XIII): "... No Plano Espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico que a mente absorve e transforma.

... Com a supervisão dos Orientadores Divinos associaram-se-lhe, no cérebro, o Centro Corónário e o Centro Cerebral... Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se do segundo... o Centro Coronário, através de todo um conjunto... verte o pensamento ou fluido mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluido que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatos-sensitivas, gerindo a vitalidade de todo o cosmo biológico.

Em ([2], 2ª Parte, Cap. XV) identifica o "fluido magnético" com "poderes" emanados pelo pensamento (toda radiação produz efeitos), pelos quais as criaturas se influenciam reciprocamente, ao dizer que ele é ... emanação controlada de força mental sob a alavanca da vontade...".

3. Lê-se em ([6], Cap. IV, Livro 1º): "Os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima que lhes dá vida: nascem, crescem, reproduzem-se e morrem...".

A pergunta 61: "... Há uma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e inorgânicos? ..." é dada a seguinte resposta:

E sempre a mesma matéria...", (combinações dos 92 elementos simples), "... mas nos corpos orgânicos ela é animalizada...".

Perg. 62: "... Qual a causa da animalização da matéria?...".

Resp.: ".... Sua união com o princípio vital...". (Aqui é utilizada a palavra princípio).

Perg. 65: "... O princípio vital reside num dos corpos que conhecemos?"

Resp.: "... Ele tem como fonte o fluido universal: é o que chamamos de fluido (princípio) magnético ou fluido (princípio) elétrico animalizado, (as denominações tendo sido várias segundo as escolas que o estudaram). Ele é o intermediário, o liame entre o espírito e a matéria...".

Perg. 66: "O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?"

Resp.: "... Sim, modificado segundo as espécies...".

Em essência, o Espírito governa, atuando sobre o princípio vital (energia vitalizante), modificado segundo as espécies, ou, o que é o mesmo, segundo seu estágio evolutivo, a forma através da qual se exprime.

Uma forma de energia que o Espírito associa a sua organização fisiopsicossomática, a semelhança da energia acumulada numa bateria, mas renovável a partir de várias fontes:

a energia solar, a respiração, a alimentação, com transformação de energia e eliminação de resíduos, ou excreção, sob a administração do Espírito, através da matéria mental.

Nessa renovação intervem fatores de qualidade:

vida ao ar livre, exposição aos raios solares, longe de lugares úmidos e ensombrecidos;

respiração de ar puro;

alimentação sadia isenta de muitas especiarias e condimentos muito elaborados, de gorduras em excesso, de acordo com os preceitos de higiene e saúde, equiparáveis a venenos tais como o fumo, o álcool, os tóxicos etc....;

trabalho e exercícios físicos para a regulação das transformações e eliminação de produtos inúteis, dos resíduos — a excreção, venenos tão perigosos como o ar viciado, a alimentação viciada, o fumo, o álcool, as drogas...;

e administração eficaz dos recursos, pelo cultivo de pensamentos positivos, de confiança na Providência Divina, de otimismo, cooperação, solidariedade, fraternidade, de aprimoramento moral e intelectual, de aperfeiçoamento nas atividades em que esteja envolvido... pensamentos produtores da ação dirigida a produção do bem geral.

3.4. - Princípio Mental

Disto podemos obter outras ilações.

Se o que distingue o orgânico do inorgânico e a vitalidade produzida pela presença no primeiro, do princípio vital, suscetível, no homem, a atuação da mente, então no orgânico há um princípio ativo inteligente e um princípio mental característico de cada espécie, pelos quais, o primeiro, através do segundo, atua sobre a associação da matéria e do princípio vital, do que resulta o corpo, através do qual o espírito se manifesta, e o rege.

E é a isto que André Luiz se refere, em ([2], Cap. II), quando diz: "... nós, os desencarnados... estudamos a estrutura mental das células...", referindo-se ao princípio inteligente a elas associado, como expressa em ([2], Cap. III, quando cita "... os princípios inteligentes ou mônadas fundamentais... centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética...".

Entende-se, então, como o princípio ativo possa existir no reino mineral, associado às partículas do reino inorgânico, como André Luiz esclarece e outros autores também. Ele existiria apenas como estabelecedor de um campo estático de forças, regendo tão somente a atratividade e a organização íntima dos seres inorgânicos. Aliás é o que se deve admitir, desde que o princípio inteligente seja considerado o agente, o princípio ativo.

Em ([6], Livro 2º Cap. XI), lê-se: "... A matéria inerte, que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica; as plantas... são dotadas de vitalidade; os animais... tem a mais uma espécie de inteligência instintiva..., com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem... domina... por uma inteligência especial... que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus...".

A evolução do princípio inteligente, desta forma, desencadeia-se a partir de suas primeiras manifestações, as forças de atratividade e organização, já a partir do reino mineral, de forma a nós totalmente desconhecida ainda.

a - Bibliografia

[1] Allan Kardec - O Livro dos Médiuns.

[2] André Luiz - Evolução em Dois Mundos.

[3] André Luiz - Entre a Terra e o Céu.

[4] Rino Curti - Espiritismo e Evolução.

[5] André Luiz - Mecanismos da Mediunidade.

[6] Allan Kardec - O Livro dos Espíritos.

b - Leituras Complementares

Os capítulos dos textos citados.

c - Perguntas

1ª - O que é perispírito?

2ª - O que sabemos acerca da natureza do espírito? Como ele atua sobre o corpo?

3ª - O que são centros de força?

4ª - Qual o processo evolutivo de formação do perispírito?

5ª - De que dependem os fenômenos de efeitos físicos?

6ª - Qual a diferença entre fenômenos espontâneos e os que não o são? Como fica a livre decisão do médium, nos fenômenos mediúnicos?
7ª - A que se deve a vitalização?
8ª - O que é fluido vital? E a matéria mental?
9ª - Como entende a citada presença do princípio espiritual no reino mineral?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida

Estudar e pôr em prática o Cap. 3.

3ª Aula Prática

Título: Quem São os Médiuns? (Tomo 1º, Vol. 2º, Cap. 2º)

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula do Cap. 3º, Tomo 1, Vol. 1.

A2, A3, A4 e A5, Idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Os alunos deverão permanecer em concentração, sem dar passividade, a não ser se requerido por médium.

O fenômeno mediúnico é tarefa da qual participa o Plano dos desencarnados.

Busque captar, com sua própria intuição, esclarecimento para si próprio. Lembre-se que a maior virtude é a humildade. Não se veja a executar grande tarefas, mas lembre-se que, qualquer que ela seja, para realizá-la há que preparar-se, educar-se, habilitar-se.

Examine-se intimamente. Busque saber o que necessita aprender. A dificuldade que se apresenta é o indicador daquilo que temos a fazer.

Lembre-se de que, no exercício da mediunidade, você não é instrumento, mas uma pessoa envolvida num que fazer, no qual se espera a sua colaboração. Você é elemento de uma equipe. Como numa orquestra. Nesta, quem dirige é o Maestro, mas quem toca é você. Você é quem oferece ao conjunto sua arte, sua sensibilidade, sua participação. Esta é adesão sua.

Avalie o que fez durante a semana para melhorar-se e planeje para a próxima.

3ª Parte: Encerramento (15 min.). Idem.

CAPÍTULO IV

O Poder da Mente

4.1. - Fenômenos Físicos

A matéria, em outros estados de condensação que não os dos corpos inanimados, pode ser vitalizada pelos Espíritos, constituindo um "Fluido Vital".

O ser humano pode exteriorizar também um fluido constituído de matéria vitalizada, um tipo de "Fluido Vital", também denominado Ectoplasma ou Fluido Nervoso, que se constitue de Energia vitalizante associada a elementos citoplasmáticos no sistema nervoso. Os médiuns de efeitos físicos são os que podem emití-lo em maior quantidade.

O material que é utilizado para os fenômenos de efeitos físicos, é constituído de fluidos vitais.

Lemos em ([1], Cap. IV): "O fluido de natureza menos condensada, parte retirado do meio espiritual, parte retirado do médium, anima a matéria de uma espécie de vida fictícia... obedece a um ser inteligente; não é este que a empurra, como um homem empurra um fardo; quando a mesa se suspende, não é o Espírito que a suspende pela força de seus braços... é a mesa animada que obedece ao impulso dado pelo Espírito...

... A vitalidade de que se acha animada lhe permite obedecer ao impulso de uma inteligência.

... Assim, quando um objeto é posto em movimento, elevado ou lançado no ar, não é o Espírito que o toma, o empurra ou o atrai, como faríamos com a mão; ele o satura, por assim dizer, de um fluido combinado com o do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age como um ser vivo, com a diferença de que, não tendo vontade própria, segue o impulso da vontade do Espírito...".

André Luiz, em ([2], nº 28), refere-se a ele do seguinte modo: ".... aí temos o material leve e plástico... Podemos dividí-lo em três elementos essenciais... fluidos A, representando as forças superiores e sutis de nossa esfera; fluidos B, definindo os recursos do médium e dos companheiros que o assistem; e fluidos C, constituindo energias tomadas à Natureza terrestre.

O fluido B, o ectoplasma, está intimamente ligado ao pensamento do médium que lhe dá vida e forma. Exteriorizado, continua nessa dependência, e é afetado pelo pensamento dos circunstantes e por todas as forças mentais que o atinjam.

O material constituido pela combinação dos três fluidos A, B, C, ele mesmo um fluido vital, pode ter suas possibilidades bastante reduzidas ao predominar os B. Pode resultar em desastre até, se "canalizadas na dependência das forças inferiores...".

Tal dependência desse fluido vital, do fluido mental, faz-nos concluir que ambos, o mental e o vital, são os que detêm os princípios que regem a vitalidade e a imprimem na matéria, sob a ação dos Espíritos.

4.2. - A Importância do Médium

A produção de tais fenômenos deve-se à presença dos médiuns, sendo "... indiferente o número de cooperadores...

Quanto àqueles cuja mediunidade é nula, sua presença é de nenhum efeito e até mais prejudicial do que útil...

Uma pessoa, médium poderoso, produz muito mais que vinte outras reunidas ([1], 2ª Parte, nº 61). Vale observar que tais fenômenos revelam sempre uma ação inteligente. No faquirismo, a do próprio médium; nos fatos em questão, a de desencarnados que, combinando fluidos próprios, do meio ambiente espiritual e com o ectoplasma do médium, produzem tais acontecimentos.

A análise dessas manifestações foi logo relegada a segundo plano, uma vez que nelas se manifestava uma ação inteligente, que poderia ser obtida por outros meios mais eficientes.

Por exemplo, após os ensaios pelos quais se obtinha comunicações por batidas nas mesas ou com elas, passou-se a obter outras com a adaptação do lápis a mesinhas ou cestas. "Entretanto, mais tarde foi reconhecido que, em definitivo, to-

dos esses objetos não passavam de apêndices, de verdadeiros porta-lápis, que poderiam ser eliminados, fazendo o médium segurar o lápis" ([1], nº 71).

4.3. - A Classificação dos Fenômenos Físicos

Como já estudamos, os objetos materiais são, por assim dizer, impregnados deste fluido; seus movimentos resultam da ação que a mente exerce sobre eles. Estes, assim "vitalizados", lhe obedecem.

Entende-se aqui, imediatamente, a dificuldade de classificação de tais fenômenos e também sua pouca utilidade, pois o princípio é um só e os efeitos podem ser os mais variados, segundo a vontade do Espírito.

Importante é observar que tais fenômenos são pouco conhecidos, são raros, mesmo porque o domínio de tais forças, observam os Espíritos, não é ainda permitido aos homens, por seu pouco desenvolvimento moral. Além disso, é domínio de Espíritos mais atrasados, mais grosseiros, que podem agir independentemente da vontade do médium e, às vezes, contra sua vontade.

Por exemplo, ruídos e golpes podem ocorrer "em casa de pessoas que jamais ouviram falar do assunto e, às vezes, no momento mais inesperado" ([1], nº 82). Poderão ocorrer para chamar a "... a atenção das pessoas sobre alguma coisa, além de convencer-nos da presença de uma força superior ao homem ([1], nº 85). Mas isto é raro, mesmo porque "... com as pessoas que têm meio fácil de comunicação com os Espíritos, muito mais raramente ocorrem manifestações desse gênero..." ([1], nº 86).

Pode ocorrer também que tais fatos se produzam provocados por espíritos levianos, dados a perturbar certos indivíduos, por troca ou por vingança. São fatos que devem ser considerados mais ligados à mediunidade perturbada do que à de ação construtiva. O médium insciente de suas faculdades, seja nos fenômenos físicos, como nos fenômenos psíquicos, pode tornar-se joguete dos Espíritos, em caso de provação a que esteja sujeito, e não em outros, porque, como indivíduo e pessoa, não há situação que possa destituí-lo de seu livre-arbítrio. Mesmo nestes casos, quando convenientemente esclarecido, o médium, pela sua vontade, pode dispor-se, ou não, à realização dos fenômenos, não pelo domínio do seu querer, mas pela abdicação voluntária de sua vontade, entregando, em regime de responsabilidade e concordância mútua, seus recursos à entidade desencarnada.

Nestes fenômenos podemos enquadrar os de transporte, em que o princípio de realização é sempre o mesmo.

4.4. - O Conceito de Mediunidade

A esta altura, o conceito de mediunidade se nos torna mais claro. No processo de pensar, o Espírito, pela mente, absorve fluido cósmico e emite matéria mental excitada pelas forças que ele lhe imprime, por isso radiante. Esta, espraiando-se em nosso derredor, comunica os estímulos ao princípio vital, que une perispírito e corpo, comandando-o. Ao mesmo tempo, transmite ao meio e à outras mentes os mesmos estímulos, via radiações, que os influenciam e estabelecem comunicação com estas.

O fluido nervoso, associação de energia vital com elementos citoplasmáticos, é exteriorizável em certas pessoas, denominadas médiuns de efeitos físicos, mais do que em outros, o que ocorre de uma forma que está fortemente ligada ao pensamento do médium. Tal fluido, exteriorizado, é suscetível de ser atuado por outras mentes, principalmente à dos desencarnados que, combinando-o com outros fluidos, exercem ação sobre ele e dão origem aos diferentes fenômenos físicos.

No poder de radiação da mente, influindo sobre outras, de modo a governar-lhes os meios de expressão: o falar, o escrever, o ouvir, o sentir etc..., reside o que chamamos de mediunidade de efeitos psíquicos ou subjetivos, que é a mais importante e aquela da qual iremos nos ocupar mais.

As pessoas que mais se prestam a este tipo de subjugação, denominamos médiuns de efeitos psíquicos ou subjetivos.

Aqui também a submissão é voluntária. O fenômeno é entregue à vontade do espírito atuante, mas por adesão e não por imposição. Esta poderá ocorrer eventualmente, mas somente nos processos obsessivos ou de prova.

4.5. - A Saúde

"... Reconhecendo-se a capacidade do fluido (princípio) magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares... por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda..."([4], 2ª Parte, Cap. XV).

"... A mente, pelo princípio de indução mental, comanda as células que, por sua vez, se disciplinam e se colocam a serviço do espírito, vitalizadas pelos seus próprios princípios mental e vital."

Nosso comando é exercido através do corpo espiritual que rege toda a vitalidade por meio dos "... centros vitais, fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem à célula a especialização extrema... E tanto quanto a ameba... que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie, os bilhões de células que nos servem necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio, canais de exoneração excretória, para se multiplicarem no trabalho específico que o espírito lhes traça..."

Tais substâncias são reguladas pela mente: enzimas, hormônios, fermentos, vitaminas e "outros controladores químicos... conforme as ordens instintivas da mente".

"... a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria liberadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese...

... todos os estados especiais do mundo orgânico... são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente... guardando a faculdade de interferir bruscamente nas propriedades moleculares, ou de catalisar as reações desse ou daquele tipo, destinadas a garantir a ordem e a segurança da vida, na urdidura das ações biológicas.

Em identidade de circunstâncias, nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam" ([4], Cap. VIII).

Aliás, a este respeito, Emmanuel, em [5], nº 15, diz que:

— "A falta cometida opera em nossa mente um estado de perturbação ao qual... se reúnem... as forças desvairadas do nosso arrependimento... as ondas de pesar e acusação da vítima e de quantos se lhe associam ao sentimento, instaurando desarmonias de vastas proporções nos centros da alma...

A cólera e o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas no cosmo orgânico... muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária nos desequilíbrios dos reflexos da vida interior.

... Nossas emoções doentias mais profundas, quaisquer que sejam, geram estados enfermiços..."

André Luiz, ao estudar o metabolismo em [4], Cap. VIII, termina dizendo: — "O metabolismo subordina-se à direção espiritual, tanto mais intensa e exatamente, quanto maior a quota de responsabilidade do ser pelo conhecimento e discernimento de que disponha... raciocínio orgarnizado é pensamento dinâmico e, com o pensamento consciente e vivo, o homem arroja de si mesmo forças criadoras e renovadoras, forjando, desse modo, na matéria, no espaço e no tempo, os meandros do seu próprio destino."

Em [5], nº 14, Emmanuel cita que "criaturas existem tão conturbadas além-túmulo com os problemas decorrentes do suicídio e do homicídio que, trazidas ao renascimento, demonstram os mais dolorosos desequilíbrios, pela disfunção vibratória...

As enfermidades congênitas nada mais são que os reflexos da posição infeliz a que nos conduzimos no pretérito..."

Entretanto "A prática do bem, simples e infatigável, pode modificar a rota do destino..."

Concluímos que as influências que estabelecemos em nosso derredor são as mesmas que criamos para nós. O sentimento que lhe dá forma e natureza para o mal ou para o bem, produz o mal ou o bem além de nós e para os outros, mas os efetua primeiro em nós, à semelhança da lâmpada que, ao iluminar, se ilumina primeiro e com muito maior intensidade.

E assim como o bem, para a nossa individualidade, se traduz na harmonia mental, sábia e amorosa, que possamos oferecer ao mundo das entidades microscópicas que se dispõem a nos servir, da mesma maneira o bem que possamos receber dos outros está na dependência do bem que lhes possamos dirigir.

O que possamos alcançar é sempre o fruto de uma resposta, seja do nosso organismo, do meio que nos circunda, ou do nosso semelhante, às nossas manifestações. Tudo nos responde segundo o móvel de nossas intenções, desejo e evolução. Por evolução não podemos externar forças que ainda não desenvolvemos: por aquelas que emitimos se nos condicionará a vida pelo bem que procurarmos ou pelo mal que engendrarmos.

Diz Emmanuel em [5], nº 28, que — "Cultivar melindres e desgostos, irritação e mágoa é o mesmo que semear espinheiros magnéticos e adubá-los no solo emotivo de nossa existência; é intoxicar, por conta própria, a tessitura da vestimenta corpórea, estragando os centros de nossa vida profunda..."

a - Bibliografia

[1] Allan Kardec: O Livro dos Médiuns.
[2] André Luiz: Nos Domínios da Mediunidade.
[3] André Luiz: Os Missionários da Luz.
[4] André Luiz: Evolução em Dois Mundos.
[5] Emmanuel: Pensamento e Vida.

b - Leituras Complementares

Os capítulos dos textos citados.

c - Perguntas

1ª - Como se realizam os fenômenos físicos?
2ª - O que é Ectoplasma?
3ª - Qual o papel do médium nos fenômenos físicos?
4ª - Qual a importância dos fenômenos físicos?
5ª - Como se situa o médium em relação ao seu livre-arbítrio?
6ª - Explique o que é a mediunidade?
7ª - O que é a mediunidade de efeitos psíquicos?
8ª - Como a mente comanda as células?
9ª - Como se nos mantém ou se nos compromete a saúde?
10ª - Qual a causa principal das doenças?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.
Estuda e pôr em prática o Cap. 3.

4ª Aula Prática

Título: Mediunidade de Efeitos Físicos

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula, do Cap. 4º, Tomo 1º, Vol. 1º.

A2, A3, A4, A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Os alunos deverão permanecer em concentração, sem dar passividade. O exercício versará sobre fluido vital.

O perispírito é o corpo do espírito. É a sede de tudo que se refere a nós mesmos. É através dele que o nosso espírito comanda nosso corpo, ligado a ele pelo fluido vital. É constituído de órgãos, distinguindo nele, principalmente, os centros de força: — Coronário, Cerebral, Laríngeo, Cardíaco, Esplênico, Gástrico, Genésico, segundo a descrição de André Luiz.

Assinalar a posição dos centros de força.

A mente governa e apresenta um brilho que depende de nossos pensamentos e atos. O comando da mente é efetuado através dos Centros de força e se comunica ao corpo físico pelo fluido vital que é assim atuado pela mente.

O fluido vital é exteriorizável, principalmente nos médiuns de efeitos físicos. Com ele e outros elementos retirados do Plano Espiritual os Espíritos podem atuar sobre a matéria.

Pode-se tentar fazer exercícios a fim de obter manifestação de batidas ou movimento de algum corpo. Isto dependerá do tipo de médiuns presentes.

De qualquer maneira, este exercício deve ser conduzido pelos médiuns, dentro da maior concentração, sem qualquer laivo de curiosidade dos presentes ou desatenção. Com pensamento firme, e sem temor de qualquer espécie. O sucesso do fenômeno, além dos médiuns, dependerá muito da seriedade e segurança dos participantes.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)
Idem.

CAPÍTULO V

Corrente Mediúnica

5.1. - Ideação

Diz Emmanuel em [1], nº 28, que "as bases de todos os serviços de intercâmbio, entre desencarnados e encarnados, repousam na mente, não obstante as possibilidades de fenômenos naturais, no campo da matéria densa ... é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos de espírito a espírito".

O espírito, com o cabedal que lhe é próprio, e pelos interesses que acalenta, produz idéias e imagens que, primeiro, propiciam o envio de impulsos e comandos, através de seus centros de forças e sistemas a eles associados, vitalizando seu cosmo biológico, no qual as células operam como seres microscópicos, subordinando sua atividade ao da entidade superior, mas governando-as com sua estrutura mental, segundo a ordem recebida. Nisto estabelece-se toda uma aclimatação das mesmas, com o "habitat" adequado à sustentação do todo, cuja harmonia ou desarmonia depende da natureza dos pensamentos cultivados pela entidade maior. A saúde orgânica está intimamente relacionada à natureza de nossos pensamentos.

Além desta vitalização, as idéias e imagens que cultivamos em nossa mente, ao excitar a matéria mental que transubstanciamos pela mente, produzem vibrações que se espraiam em nossa organização fisiopsicossomática e fazem com que ela irradie, em nosso derredor, impulsos que transmitem a mesma natureza de pensamentos e sentimentos a influenciarem outras mentes que com eles se afinam, e que, por sua vez, nos influenciam.

Comunicamo-nos, enfim, com as mentes que comungam conosco a mesma natureza de pensamentos, fortalecendo os nossos, enriquecendo-os de novas peculiaridades, típicas de cada um, tanto mais quanto mais nos fixemos neles.

A harmonia ou a desarmonia que provoquemos em nós mesmos pelos desejos e pensamentos desajustados à lei de equilíbrio, se intensificam, com isto, acrescendo-nos o bem ou o mal que busquemos no recesso de nossos mais íntimos anseios.

5.2. - Sintonia

A mediunidade subjetiva enquadra-se neste mecanismo de comunicação entre espíritos, governando pela lei de indução mental, e pela qual a mente passiva cede o comando de certas prerrogativas suas à mente atuante.

Relembrando o que dissemos no capítulo 2, no intercâmbio entre o médium e a entidade comunicante, estabelece-se corrente de forças mentais, cuja explicação, por falta de maiores recursos, é assentada na analogia com a corrente de um circuito elétrico.

O médium, por sua vontade, pelo ato voluntário da concentração, aceita a posição de receptor, adere à condição de elemento passivo, como que constituindo-se no pólo negativo do circuito, enquanto a entidade comunicante representa o positivo. Esta adesão, este ato de vontade pelo qual o médium se dispõe à comunicação, é como o interruptor do circuito que, ao fechar-se, estabelece a passagem da corrente. Sem este ato de vontade, a comunicação não se firma. E assim como, num circuito elétrico, o que permite a passagem da corrente de um pólo a outro é a tensão existente entre eles, aplicada a um condutor que os una, analogamente a corrente mental entre as duas entidades só se instaura se houver sintonia.

E esta sintonia é a capacidade de que se reproduza, na mente do médium, a mesma imagem produzida na mente da entidade comunicante. Com André Luiz, dizemos que há sintonia entre duas mentes, "entre um Espírito e outro, quando a ação de plasmagem e projeção da matéria mental, na entidade comunicante, for mais ou menos igual à ação de receptividade e expressão na personalidade mediúnica" ([2], Cap. V).

É evidente que esta identidade de reprodução imaginativa não existe. O modo de pensar de cada um é como a impressão digital: é individual, característico de cada um. O médium, dependendo do grau de passividade, concorre mais ou menos na comunicação com a interposição de elementos seus. Exerce um controle, apõe limitações e, às idéias captadas, soma as suas pela evocação inevitável que aquelas produzem.

O médium, neste caso, é consciente.

Mas há os casos, bem raros, em que o médium é inconsciente, num grau de passividade quase que total. Também não permite à entidade comunicante maiores expansões, porque esta, apesar de estar menos tolhida pelas limitações do médium, não pode senão utilizar-lhe os recursos que em geral são limitados.

A passividade maior, como aliás acontece nos atos comuns da vida, está sempre relacionada a uma vontade fraca, à falta de maior responsabilidade, sempre associadas à ignorância e à falta de recursos.

A melhor situação para a comunicação não é um maior grau de passividade, mas sim o maior grau de sintonia. Daí a necessidade de estudo, aculturamento, para sintonizar com a Sabedoria Maior, e a da prática da virtude para captar-lhe os sentimentos.

Uma vez que haja sintonia, a corrente mental se estabelece. O problema da sustentação também pode ser posto em analogia com o circuito elétrico, seguindo sempre a exposição de André Luiz em [2]. No circuito elétrico, o elemento condutor que liga os dois pólos é o circuito externo; nele a corrente sai de um pólo, percorre-o e entra pelo outro, na fonte, que constitui o circuito de volta. A corrente elétrica percorre um circuito fechado.

No circuito mediúnico temos um emissor e um receptor; também "uma vontade apelo e uma vontade resposta", a primeira representando o circuito de ida, a segunda o de volta; ou ainda "o comando da entidade comunicante e a concordância do médium, fenômeno esse exatamente aplicável, tanto às esfe-

ras dos Espíritos desencarnados, quanto à dos Espíritos encarnados, porquanto exprime conjugação natural ou provocada nos domínios da inteligência, totalizando os serviços de associação, assimilação, transformação e transmissão de energia mental" ([2], Cap. VI).

5.3. - Observações Mediúnicas

Interessante é verificar a descrição que André Luiz faz destes fenômenos, em [3], Caps. 2, 3, 4.

Em [3], Cap. 2, fala do psicoscópio, aparelho já mencionado, cuja finalidade é facilitar o exame das radiações mentais emitidas pelas mentes. Por ele, "os obreiros da supervisão" podem caracterizar as possibilidades das pessoas e atribuir-lhes tarefas. "A moralidade, o sentimento, a educação e o caráter são claramente perceptíveis, através de ligeira inspeção."

Assim como, pelo espetroscópio, podemos analisar os componentes dos corpos excitados, analisando-lhes as radiações emitidas, da mesma forma, pelo psicoscópio, podem eles avaliar nossos valores, nossas disposições.

Após tecer várias considerações, narra de recinto íntimo, com reduzido número de pessoas em concentração, em serviço de harmonização preparatória, que pode constituir-se de quinze minutos de prece palestra, ou leitura com elevadas bases morais.

"— Sabem que não devem abordar o mundo espiritual sem a atitude nobre e digna ... não comparecem aqui sem trazer ... as sementes do melhor que possuem."

Como já dissemos, no Cap. 2, em estado de concentração, as mentes como que produzem luz interior, em analogia à luminosidade que os corpos emitem quando excitados.

Pois bem, André Luiz fala de círculos radiantes que se estabelecem em derredor das cabeças, e das diversas tonalidades que as radiações por eles emitidas apresentavam, observadas ao psicoscópio, de "uma auréola de raios quase verticais" sobre as quais "caíam do Alto abundantes jorros de luminosidade estelar que... pareciam suaves correntes de força..."

Admirado por "se revelarem tão afins, na onda brilhante em que se reuniam", indagou de seu porte espiritual.

"— São apenas irmãos de boa vontade — respondeu-lhe o Assistente, — trazem a mente voltada para os ideais superiores da fé ativa, a expressar-se em amor pelos semelhantes. Procuram disciplinar-se, exercitam a renúncia, cultivam a bondade constante e, por intermédio do esforço próprio no bem e no estudo nobremente conduzido, adquiriram elevado teor de radiação mental".

— Mas, e a luz?

"— Todas as substâncias vivas emitem energias, enquadradas nos domínios das radiações ultra-violetas ... Nossos companheiros ... Podem projetar raios mentais, em vias de sublimação, assimilando correntes superiores e enriquecendo os raios vitais ... raios ectoplasmáticos." Sintonizam pela "sincera devoção ao bem, com esquecimento dos próprios desejos", com vibrações de mais alto teor que, levando estímulos à sua mente, agem na organização de cada um com influências benéficas, salutares e harmoniosas.

5.4. - Mediunidade e Individualidade

Quanto às condições de assimilação para a comunicação, em [3], Cap. 3, passa à análise de cada um.

Do Dirigente, louva-lhe as qualidades pela correção, fé, compreensão e boa vontade. Por isto o aponta como instrumento fiel dos benfeitores desencarnados, acolhendo-lhes, com fidelidade, as instruções.

De uma senhora muito jovem, salienta-lhe a docilidade, intuição clara, distinção moral, "tem a vantagem de conservar-se consciente nos serviços de intercâmbio, beneficiando-nos a ação".

A seguir, refere-se a um rapaz de trinta anos, possuidor de várias expressões mediúnicas, que qualifica de bem intencionado e com boas possibilidades futuras. Mas de excessiva passividade. Embora coopere, "necessita de maiores estudos e mais amplas experiências para expressar-se com segurança acerca das próprias observações".

Fora do veículo físico tem comportamento comprometedor, empresta o veículo a entidades diferentes ou sofredoras deixando-o à sua mercê, "quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física".

A seguir, analisa Celina, companheira que já acumula "significativas vitórias morais" em seu século de existência.

Viúva há quase vinte anos, criou os filhos e, sem se render, "lutando ... para atender de modo irrepreensível às obrigações que o mundo lhe assinalava, acrisolou as faculdades medianímicas, aperfeiçoando-as nas chamas do sofrimento moral ... Não é simples instrumento ... É abnegada servidora na construção de valores do espírito".

Tem várias faculdades mediúnicas, em cujos estados ingressa com facilidade, "guardando noção de suas responsabilidades e representando, por isso, valiosa colaboradora de nossas realizações ... Diligente e humilde, repartindo o tempo entre as obrigações e os estudos edificantes, transformou-se num acumulador espiritual de energias benéficas, assimilando elevadas correntes mentais, com o que se faz menos acessível às forças da sombra ... Se extraíssemos ... uma ficha psicoscópica ... assinalar-lhe-ia as emanações fluídicas de bondade e compreensão, fé e bom ânimo ...".

Como se observa, portanto, a faculdade mediúnica, embora representando característica pessoal, possibilitando intermediação entre os dois Planos, depende, no seu exercício, profundamente da condição espiritual do médium. É como qualquer outra faculdade humana. Por exemplo, a inteligência bem desenvolvida não poderá dar bons frutos senão quando guiada por anseios e objetivos de elevado teor. E ninguém confiará missão a quem, embora bem qualificado profissionalmente, não seja aplicado, ou cumpridor de seus deveres. Ou, ainda, esteja na dependência de alguma falha de caráter ou vício, que não assegure possa ele desempenhar, a contento, suas obrigações. (Leia-se de Neio Lúcio: Alvorada Cristã - nº XIII).

Diz Emmanuel em [4], nº 2... "seja qual for a mediunidade de alguém, é na vida íntima que palpita a condução de todo o recurso psíquico.

Observa, pois, os próprios impulsos.
Desejando, sentes.
Sentindo, pensas.
Pensando, realizas.
Realizando, atrais.
Atraindo, refletes.

E refletindo, estendes a própria influência, acrescida de fatores de indução do grupo com que te afinas".

a - Bibliografia

[1] Emmanuel: Roteiro.
[2] André Luiz: Mecanismos da Mediunidade.
[3] André Luiz: Nos Domínios da Mediunidade.
[4] Emmanuel: Seara dos Médiuns.

b - Leituras Complementares

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c - Perguntas

1ª - Onde a gênese de toda comunicação entre Espíritos?
2ª - Como se produzem as influências entre Espíritos?
3ª - Qual a lei que governa a comunicação entre Espíritos?
4ª - O que é sintonia?
5ª - Qual a diferença entre médium consciente e inconsciente?
6ª - Que se deve fazer para sintonizar com as Entidades Maiores?
7ª - Explique o significado de "adesão" do médium.
8ª - O que é a harmonização vibratória?
9ª - Qual a razão da luminosidade dos médiuns observada no Plano Espiritual?
10ª - Por que André Luiz dá como lamentável a excessiva passividade do médium?
11ª - De que depende a mediunidade para o seu melhor exercício?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida

Estudar e pôr em prática o Capítulo 5.

5ª Aula Prática

Título: O Poder da Mente (Tomo 1º, Vol. 2º, Cap. 4º).

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 — Rever as recomendações para a aula, do Cap. 5º, Tomo 1º, Vol. 1º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Os alunos deverão permanecer em concentração, sem dar passividade, a não ser que sejam solicitados a fazê-lo, por um médium.

A mente atua sobre o fluido vital que, exteriorizado, permite a produção de fenômenos físicos: batidas, movimento de objetos, materializações ...

Da mesma maneira que o nosso pensamento atua sobre o fluido vital, vitalizando-o, cria imagens que influenciam o meio que nos circunda. Ainda influenciamos outras mentes e somos por elas influenciados, em regime de reciprocidade.

Quando integrados em circuito mediúnico, apassivados, o pensamento do Espírito com que estamos sintonizados, atua sobre os centros que liberamos, produzindo a fala, a escrita etc. ..., da mesma forma que o faz o nosso pensamento. De forma, porém, condicionada à nossa adesão. Como no fenômeno hipnótico. Neste, nossa passividade jamais é total. Mesmo quando subjugados pela onda mental do hipnotizador, não lhe executamos todas as ordens. Aquelas que contrariam nosso foro moral, por exemplo, não são atendidas.

Da mesma maneira que influímos sobre a mente de nosso semelhante, com maior força atuamos sobre as células de nosso organismo.

O pensamento elevado, equilibrado, harmonioso, influi beneficamente sobre nossa saúde.

Pensamentos de ordem inferior nos infelicitam psíquica e fisicamente, deixando suas marcas em nosso perispírito, que pomos à mostra no plano espiritual, após o desencarne.

Permitir a manifestação de um Espírito sofredor, por meio de um dos médiuns. Os alunos que permaneçam em prece, sustentando o ambiente contra qualquer manifestação menos desejável.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)

Idem.

CAPÍTULO VI

Mediunidade e Personalidade

6.1. - Cérebro e Mente

Continuando suas digressões acerca da mensurabilidade dos princípios mentais, o Assistente Áulus ([1], Cap. 3) aponta a André Luiz o cérebro, órgão no qual " estão assentadas as chaves da comunicação entre o mundo mental e o mundo físico" .

Sem entrar em detalhes de descrição do cérebro, podemos estabelecer com ele analogia relativa aos nossos dispositivos, máquinas de calcular eletrônicas, e com microcomputadores. Pela miniaturização, hoje coloca-se, em uma pastilha do tamanho de um botão de uma camisa, programas de computador capazes de realizar operações matemáticas ou de comando até agora insuspeitadas. Se pudéssemos ver seus circuitos em operação, observaríamos as correntes e seus efeitos circularem em elementos microscópicos.

Pois bem, o cérebro, no Plano Espiritual, pode ser observado desta forma, por ser constituído de matéria mais condensada que a daquele e, por isso, mais visualizável para os Espíritos. Com o auxílio de pequena lente, diz André Luiz que pôde observá-lo qual poderosa estação radiofônica, reunindo milhares de antenas, condutos e ligações de tamanho microscópico ..." .

A seguir, dá a explicação fornecida pelo Instrutor: " ... As experiências adquiridas pela alma constituem maravilhosas sínteses de percepção e sensibilidade ... especificam-se no equipamento de matéria densa como núcleos de controle das manifestações da individualidade, perfeitamente analisáveis. É assim que a alma possui, no cérebro físico, os centros especiais que governam a cabeça, o rosto, os olhos, os ouvidos e os membros, em conjunto com os centros da fala, da linguagem, da visão, da audição, da memória, da escrita, do paladar, da deglutição, do tato, do olfato, do registro de calor e frio, da dor, do equilíbrio muscular, da comunhão com os valores internos da mente, do gosto estético, dos variados estímulos artísticos e tantos outros quantas sejam as aquisições de experiências entesouradas pelo ser, que conquista a própria individualidade, passo a passo, e esforço a esforço, enaltecendo-a pelo trabalho constante para a sublimação integral, em face de todas as vias de progresso e aprimoramento que a Terra possa oferecer...". ([1], Cap. 3).

6.2. - Caráter e Personalidade

Das experiências adquiridas ao longo das reencarnações, todos nós trazemos um cabedal que nos é próprio [2]. Em função das conquistas, dos débitos, das aquisições, dos desvios, das aptidões, das virtudes, das tendências adquiridas, distinguimo-nos pela individualidade, característica de cada um.

Pelo conteúdo psicológico de que somos possuidores, diferenciamo-nos uns dos outros. Inteligência, temperamento, sensibilidade, fazem-nos assumir comportamentos distintos e típicos de cada um, diante das situações, de nosso semelhante, das vicissitudes da vida em geral. Perante as circunstâncias , tornamo-nos de conduta, postura e reação próprias, peculiares a cada um. Em traços mais largos, podemo-nos classificar como nervosos, coléricos, passionais, sangüíneos, fleumáticos, apáticos ([3], Cap. XI), que não só qualificam traços distintivos, mas evidenciam predisposições para a adaptação a esta ou aquela circunstância mais do que a outras.

Por exemplo, um fleumático adapta-se melhor a um trabalho rotineiro do que um nervoso.

Enfim, todos nós trazemos, de forma inata, disposições, tendências, uma bagagem própria de recursos, individual, pessoal, que chamamos de CARÁTER. Por ele temos o comportamento mais favorecido num sentido, limitado em outro, para o qual não tenhamos características adequadas.

Entretanto, somos criaturas com razão e livre-arbítrio. Conhecendo-nos, sabendo de nossas potencialidades, podemos guiar nossas tendências pela reflexão fundamentada no estu-

do, rumo aos valores mais altos e sublimá-las pela liberdade de escolha. Podemos explorar o sentido positivo de elevação de nossa emotividade e corrigir os aspectos negativos de suas deficiências, enriquecendo-nos de novos recursos.

Por exemplo, um nervoso poderá transformar-se em artista; um colérico, em orador ou condutor de homens; o sentimental pode orientar-se para a análise da vida interior.

Para cada caráter, enfim, há uma possibilidade de desenvolvimento, de evolução que se efetuará com base naquilo que ele permite sob a direção do ideal que o norteia. É o que se denomina de VOCAÇÃO: " a união do caráter e o do valor ... o compromisso entre aquilo que o caráter permite a um homem tornar-se, e o que o ideal o faz pressentir." ([3], Cap. XI).

Diz Emmanuel em [6], nº 16: — "A vocação é a soma dos reflexos da experiência que trazemos de outras vidas." Continua dizendo que, muitas vezes, poderemos ingressar nesta ou naquela atividade como iniciantes, conforme já dissemos, mesmo porque o Espírito necessita desenvolver-se integralmente. Em geral, porém, renascemos para dar continuidade a tarefas em que já estivemos envolvidos, ou para corrigir caminhos.

Em cada renovação de oportunidade recebemos os recursos de que necessitamos, como talentos que não podemos enterrar, mas que nos cabe utilizar para o nosso próprio engrandecimento e participação nas obras da Criação.

Sucede, entretanto, que, freqüentemente, os desperdiçamos, obrigando-nos em conseqüência, a reingressar em nova experiência educativa a fim de apreender-lhes o valor.

Desta maneira, "o juiz que criou reflexos de crueldade, perseguindo inocentes" volta ao mesmo tribunal "como réu condenado injustamente, para sofrer no próprio espírito e na própria carne as flagelações que impôs noutro tempo a vítimas indefesas."

"O médico que abusou... retorna... como apagado enfermeiro, defrontado por ásperos sacrifícios. O grande agricultor que dilapidou as energias dos cooperadores humildes... vem, de novo, à gleba... na condição de pobre lidador... Mulheres dignificadas por nomes distintos, confiadas ao vício e à dissipação... voltam aos lares que deslustraram na categoria de ínfimas servidoras..."

O que fazemos com nossas possibilidades, nosso caráter e vocação, é o que denominamos de PERSONALIDADE.

Em [3], Cap. XI, faz-se a seguinte comparação: somos como o artista que tem à sua disposição um instrumento — um piano, um violino, ou outro qualquer: é o nosso caráter. A execução, a peça resultante com sua utilização, constitui a nossa personalidade.

Em todos os fatos da vida é assim que nos situamos. Por isto, um é comerciante, outro artista, professor, técnico, e assim por diante, numa gama infinita de expressões e manifestações.

Com o médium dá-se o mesmo. Em primeiro lugar é uma pessoa. Diante dos estímulos com os quais se defronta e de uma sensibilidade específica mais desenvolvida em uma particularidade de sua personalidade, e que não conhece, enfrenta fatos e fenômenos que, pelo menos, tem que explicar a si mesmo. Sua reação, seu comportamento, sua participação nos trabalhos mediúnicos está intimamente relacionada ao seu caráter, à sua personalidade e ao conhecimento do que com ele se passa e de como possa ele dirigir sua condição de médium, submetê-la à sua própria vontade, uma vez que ela não lhe tolhe as prerrogativas de escolha, e de livre-arbítrio.

Diz André Luiz em [1], Cap. 3: — " Não podemos realizar qualquer estudo de faculdades medianímicas, sem o estudo da personalidade." E passa a explicar o fenômeno da comunicação com base nas idéias que a moderna Física sugere, contra a concepção muito mecanicista possuída, a respeito dela, por grande maioria, ainda fincada nos conhecimentos do século passado.

6.3. - Espíritos Sofredores

Em primeiro lugar relembra a ação da mente sobre o corpo através dos centros de força, pelos quais o corpo espiritual canaliza os estímulos da mente para o organismo. Mas salienta a importância dos centros cerebrais, " base de operação do pen-

samento e da vontade, que influem... em todos os fenômenos mediúnicos, desde a intuição pura à materialização objetiva" .

Quando nos sustentamos " no ideal superior de bondade e do serviço ao próximo", sintonizamos-nos com as entidades benevolentes que influenciam tais recursos " en suas tarefas de amor e sacrifício junto dos homens". Entretanto, podem ser ocupados por entidades inferiores ou animalizadas em lastimáveis processos de obsessão.

Por exemplo, em [1], Cap. 4, mostra como pessoas podem envolver-se em tais processos.

Encarnados doentes comparecem a uma reunião espírita, acompanhados de entidades espirituais que os vampirizam. Quando os encarnados se deixam " renovar pelas idéias salvadoras", expressas pelos expositores, os desencarnados sentem-se desligar das pessoas a quem vampirizam, pela alteração de pensamento que nelas se processa. Desfaz-se em maior ou menor grau, a força magnética que os junge, fundamentada na similaridade de pensamento.

E isto acontece em todas as reuniões, independentemente de crença; assim " sermões e conferências de sacerdotes e doutrinadores... sempre que inspirados no Infinito Bem, guardam o objetivo da elevação moral..." .Os expositores da boa palavra atuam à semelhança de eletricistas "desligando tomadas mentais", fazendo analogia com o eletro-ímã, que exerce sua ação enquanto ligado à fonte de energia.

E voltando-se ao exame das entidades sofredoras, mostra como os sofrimentos se estampam no corpo espiritual.

Da mesma maneira que, pela hipnose, podemos ordenar a um hipnotizado que faça algo após sair do transe, da mesma maneira, uma pessoa envolvida em uma ação menos digna, pode, pelo remorso ou pelo arrependimento, albergar o impacto de uma imprecação, de uma invectiva, uma maldição, transformando-o em uma sugestão pós-hipnótica, que nos conduz a manifestar-lhe a conseqüência.

Conta o caso de alguém que, tendo esbofeteado o pai, fora por ele amaldiçoado a ter o braço transformado em galho seco, numa imprecação que se constitui em "terrível jato de força hipnotizante". A idéia se lhe implantou no fundo d´alma, alimentada pelo remorso, e apresentava, quando desencarnado, o braço seco e ressecado. E assim outras entidades a "estamparem no próprio corpo espiritual os sofrimentos de que são portadoras". E, se ligadas ao receptor, transmitiriam as sensações de que eram vítimas, uma vez que os serviços de intercâmbio baseiam-se no processo de imanização.

6.4. - Quedas Espirituais

Por melhor que estejamos em certo momento, não estamos isentos de resvalar para estados em que nos tornamos vulneráveis às más influências. E o médium com mais facilidade, porque ele se imaniza muito mais que os outros.

Conta-se em [4], Cap. 17, que certo trabalhador, ardoroso observador dos mandamentos e fiel ao Senhor, na meia idade, viu-se em boa condição pecuniária, sem mais necessitar preocupar-se com questões de ordem material. Nisto, viu a possibilidade de devotar-se integralmente às coisas espirituais e passou a devotar-se "à contemplação dos mistérios divinos". Tão elevado teor alcançou em sua espiritualidade que "as Forças Divinas permitiram ao Espírito das Trevas aproximar-se dele... tentando enegrecer-lhe o coração" .

Aflito, "implorou ao Eterno... lhe fornecesse recurso para esquivar-se à tentação".

Em atendimento foi-lhe sugerido cultivar a terra. E tão fervorosamente aplicou-se à tarefa que, "vindo o Perverso Dominador, tão ocupada lhe encontrou a mente que foi obrigado a adiar a realização dos escuros propósitos".

Tendo transformado o trato de terra em valioso centro produtor, deu-se por satisfeito, voltando a repousar. Nisto, o "Malvado" se lhe aproximou novamente, renovando sua influência.

Nova súplica, nova recomendação de atividade. E assim sucessivamente, por várias vezes, em que, sempre que se retinha em repouso, via-se acossado por tentações.

Por fim o devoto compreendeu que a melhor forma de não se envolver com as tentações era manter-se ativo na realização das obras do bem.

A própria Celina, que no momento se apresentava digna de todos os encômios, estaria na mesma situação do trabalhador.

Isto porque, explicava o Instrutor, somos criaturas em evolução e conservamos ainda muitos traços de inferioridade, que podem assomar à consciência, com sua força de impulsão. Basta para isto que abandonemos a disciplina ou nos rendamos ás sugestões da vaidade ou do desânimo.

Em [5], Cap. XXII, narra-se de trabalhador, "admirável pelas qualidades de trabalho e pelas formosas virtudes do caráter", que foi visitado, sucessivamente, "pelos inimigos da humanidade que conhecemos por Ignorância, Calúnia, Maldade, Discórdia, Vaidade, Preguiça e Desânimo", tramando entre si para derrotá-lo.

Perseguido pela Ignorância, acusado de, em permanecendo no cumprimento de suas obrigações, mau observador das obrigações religiosas e excessivamente ambicioso, desculpou-a.

Acossado pela Calúnia, limitou-se a dizer que ela estava enganada. Atacado pela Maldade, pela Discórdia, pela Vaidade, pela Preguiça, opondo-lhes a luz do bem, o esquecimento, a humildade e o espírito do serviço, a todas venceu galhardamente, prosseguindo nas suas realizações.

Por fim aproxima-se-lhe o Desânimo, desvalorizando-lhe a ação, sugerindo-lhe a inutilidade de esforços, diante de sua própria pequenez.

"O homem forte e valoroso, que triunfara de muitos combates, começou a ouvir as interrogações do Desânimo, deitou-se e passou cem anos sem levantar-se ...".

a - Bibliografia

[1] - André Luiz: Nos Domínios da Mediunidade.
[2] André Luiz: Evolução em Dois Mundos.
[3] Denis Huisman e André Vergez: Compêndio Moderno de Filosofia - vol. 1 - A Ação.
[4] Irmão X: Luz Acima.
[5] Néio Lúcio: Alvorada Cristã.
[6] Emmanuel: Pensamento e Vida.

b - Leituras Complementares

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c - Perguntas

1ª - O que representa o cérebro para o Espírito?
2ª - Como livrar-se das tentações?
3ª - Defina "Caráter".
4ª - Conceitue "Vocação".
5ª - Explique o que é a "Personalidade".
6ª - Esclareça a expressão "os expositores ... atuam à semelhança de eletricistas desligando tomadas mentais."
7ª - Os sofrimentos se estampam no corpo espiritual. Explique.
8ª - Por que, embora atualmente integrados no bem, podemos sucumbir de novo às más influências?
9ª - Qual a influência da personalidade no médium?
10ª - Desânimo — o maior inimigo. Explique.

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.
Estudar e praticar o Capítulo 6.

6ª Aula Prática

Título: Corrente Mediúnica

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) - Rever as recomendações para a aula, do Cap. 6º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Os alunos deverão permanecer em concentração, sem dar passividade, a não ser que sejam solicitados a fazê-lo, por um dos médiuns.

Medite sobre seus próprios impulsos. Solicite ajuda espiritual para a correção de suas falhas.

Considere as mudanças de hábito que precisa realizar: higiene, alimentação, comportamento, disciplina, deveres, trato

com o semelhante, otimismo, boa vontade, renúncia, bondade, estudo, aplicação em seus deveres ... Só entrará em sintonia com Planos mais altos, faixas de maior freqüência, se elevar seus objetivos. Seu estado físico geral também dependerá fortemente disto.

Não dê passividade. Siga a orientação do Plano Espiritual, indicada pelos médiuns. O médium que ainda não está preparado é como o aprendiz de motorista que ainda não sabe conduzir o carro. Só deve fazer o que o instrutor lhe indica, para não incorrer em prejuízo. É preciso guardar alta a noção de responsabilidade.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)
Idem.

CAPÍTULO VII

Circuito Mediúnico

7.1. - Assimilação de Correntes Mentais

Em [1], Cap. V, André Luiz explica o fenômeno da comunicação mediúnica e procura esclarecer como se processa a influenciação da entidade comunicante sobre o médium.

Descreve Clementino, o dirigente espiritual do trabalho, a aproximar-se de Raul Silva, pousar-lhe a destra na fronte, após ter amortecido o próprio tom vibratório. De sua cabeça saíam raios fulgurantes, enquanto o cérebro de Silva se iluminava sob a ação do Mentor.

E, nisto, faz nova analogia. Da mesma maneira que uma lâmpada tem sua tensão especificada, queimando-se, se aplicada num circuito de tensão mais alta, analogamente a mente do comunicante deve graduar a emissão de suas radiações na posição da mente receptora.

Neste entrelaçamento de forças, o desencarnado pronuncia oração que Silva transmite, com diminutas variações.

Observou que bustos, braços e mãos do médium foram envolvidos por vigorosa onda de força que, descansando sobre o plexo solar (entroncamento de vários nervos na região gástrica), "se transformava em luminoso estímulo, que se estendia pelos nervos até o cérebro, do qual se derramava pela boca, em forma de palavra", assim como a "energia elétrica ... atingindo a lâmpada ... produz ... a luz".

Quando pensamos, produzimos onda mental que, atuando sobre o centro cerebral, atua sobre os vários centros, da memória, da imaginação, da reflexão e outros, com comando especial no centro da fala, pelo qual todo pensamento é canalizado, expressando-se em forma de palavras. Na conjugação mediúnica, ao apassivar-se, o médium diminui a intensidade da própria onda mental, dando lugar à onda mental da entidade comunicante que, atuando sobre o centro da fala do médium,

exprime-se com os valores próprios, na medida do que o aparelho possa suportar.

No caso, a graduação imposta obedeceu às leis da conjugação: — "Cada vaso recebe de conformidade com a estrutura que lhe é própria."

Da mesma maneira que a lâmpada emite fotônios a vibrarem no espaço físico, analogamente a mente arroja princípios espirituais com os quais influimos no "espaço mental".

Assim como definimos a composição dos corpos, relacionando-lhes os componentes atômicos e suas proporções, analogamente "Pensamentos de crueldade, revolta, tristeza, amor, compreensão, esperança ou alegria teriam natureza diferenciada, com característicos e pesos próprios, adensando a alma, ou sutilizando-a, além de lhe definirem as qualidades magnéticas ... A onda mental possuiria determinados coeficientes de força na concentração silenciosa, no verbo exteriorizado ou na palavra escrita ... Somos naturalmente vítimas ou beneficiários de nossas próprias criações, segundo as correntes mentais que projetamos, escravizando-nos a compromissos com a retaguarda de nossas experiências, ou libertando-nos para a vanguarda do progresso, conforme nossas deliberações e atividades, em harmonia ou desarmonia com as Leis Eternas ..." ([1], Cap. V).

No caso observou-se "perfeita assimilação de correntes mentais".

Explica o Assistente que a "emissão mental de Clementino, condensando-lhe o pensamento e a vontade" envolve Silva, em profusão de raios. Estes, alcançando os poros que atuam como antenas, enviam impressões aos centros de força que, por sua vez, se apóiam nos plexos. Daqui se propagam pelos nervos até atingirem o cérebro, no qual, em seus fulcros, "se processam as ações e reações mentais, que determinam, vibrações criativas, através do pensamento ou da palavra, considerando-se o encéfalo como poderosa estação emissora e receptora e a boca por valioso alto-falante. Tais estímulos se expressam ainda pelo mecanismo das mãos e dos pés, ou pelas impressões dos sentidos e dos órgãos ...".

E, isto, sem anular a onda mental do médium que, fluindo incessantemente do seu campo cerebral, continua a governar seus próprios recursos, conjugando a ambas, porém.

— Mas, em assim sendo, não será fácil distinguir a nossa da criação mental que nos atinge — observa André Luiz.

Responde o Assistente que difícil é para aqueles que, não fazendo uso de seu próprio discernimento, vivem vida mental parasitária, subjugada às opiniões e costumes consagrados. Não o é, porém, para aqueles que estão habituados à meditação, ao estudo edificante, ao discernimento próprio, porque estes sabem onde se lhes "situa a faixa de pensamento, identificando, com nitidez, as correntes espirituais" que passam a assimilar.

E isto se dá de uma maneira geral, pois " ... a mediunidade é um dom inerente a todos os seres ... e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com que se sintoniza. Por isso ... o Divino Mestre recomendou-nos a oração e a vigilância para não cairmos nas sugestões do mal, porque a tentação é o fio das forças vivas a irradiar-se de nós, captando os elementos que lhe são semelhantes e tecendo, assim, ao redor de nossa alma, espessa rede de impulsos, por vezes irresistíveis".

7.2. - Características do Circuito Mediúnico

Voltando à analogia entre circuito elétrico e o mediúnico, lembramos que a mente comunicante é assimilável ao pólo positivo, a do médium ao pólo negativo, enquanto a vontade do médium em apassivar-se é comparável ao interruptor que fecha o circuito. A sintonia pode ser posta em analogia com a tensão que estabelece a corrente no condutor, e o **"pensamento constante de aceitação ou adesão"** do médium, finalmente, pode ser comparado ao gerador, à fonte de energia que sustenta a corrente. Neste pensamento de adesão o médium amortece sua própria onda mental para veicular a da entidade; qualquer desatenção a rearticula, impedindo a esta que se estabeleça, desarticulando, portanto, a associação mental.

7.2.1. - Resistência

A fim de esclarecer outras características, devemos recorrer a outras analogias. Por exemplo, lembremos o sistema roda, mola, amortecedor de um carro. A roda recebe os impactos das irregularidades da estrada que a mola absorve em forma de energia de deformação. O amortecedor segura a mola, oferecendo resistência de atrito, fazendo com que ela descarregue sua energia, oscilando o menos possível. A energia absorvida pelo amortecedor é dissipada em calor.

Num condutor elétrico, o que delimita a passagem da corrente elétrica, com produção de calor, é a resistência. No circuito mediúnico ocorre algo semelhante: no estabelecimento da corrente mediúnica entre duas entidades, há também resistência com correspondente dissipação de energia mental. Médiuns diferentes oferecem resistências (se é assim que podemos dizer) também diferentes, fazendo com que as expressões mentais que se estabeleçam sejam diferentes para cada um. As próprias desatenções, que diminuem ou mesmo anulam o intercâmbio, podem ser encaradas como o análogo de variações de resistência, no circuito mediúnico, a provocarem alterações na corrente mental.

Por isso, nas reuniões em que os participantes colaboram com o médium, para que ele se mantenha em passividade, devem evitar todo e qualquer fator que possa alterá-la. Às vezes, isto se dá em conseqüência da descrição de vidências, com a presença de entidades familiares ou de fatos que produzem emotividade. Isto pode produzir ondas mentais a se superporem ou a se combinarem com as da entidade comunicante, provocando perturbações ou enfraquecimento na continuidade da comunicação. Por isso, freqüentemente, o Espírito solicita novamente atenção ou sustentação por meio de prece.

7.2.2. - Indutância

Não se pode fazer com que um corpo parado passe a mover-se com certa velocidade de maneira instantânea. Analogamente, não se pode parar instantaneamente um corpo em movimento.

Um corpo parado oferece inércia ao movimento; e, em movimento, possui energia que não pode ser anulada de chofre. Um freio, por melhor que seja, parará um carro que se mova a uma certa velocidade, numa distância que dependerá desta mesma velocidade. Qualquer obstáculo que se interponha provocará avarias ou desastre.

Num circuito elétrico acontece algo semelhante. Quando se fecha um interruptor, a corrente que se estabelece no circuito não o faz instantâneamente; leva um certo tempo, embora muito pequeno, dependendo do circuito. Analogamente, quando se interrompe uma corrente elétrica acontece o mesmo. A sua anulação não é instantânea. Quando se desliga a chave geral, numa casa, com tudo ligado, é comum observar-se uma faísca. A corrente, não encontrando mais o condutor, abre um arco. Se a corrente for muito forte, como num circuito industrial, o arco pode assumir graves proporções e destruir tudo. Por isto, tais circuitos são abertos ou fechados com o uso de dispositivos capazes de evitar isto. É como se quiséssemos parar um carro numa parede.

No circuito há propriedade semelhante. No estabelecimento da corrente mental há armazenamento de "energia mentoeletromagnética no campo da associação mental entre a entidade comunicante e o médium". Na interrupção da corrente, a energia acumulada é restituída. Em ambos os casos, entretanto, não de forma instantânea, ou por mudança brusca. Se esta se efetuar, há "descarga magnética, com efeitos que se hierarquizam conforme a intensidade da integração em andamento, porquanto o circuito mediúnico, envolvendo implementos fisiopsicossomáticos e tecidos celulares complexos no plano físico e no plano espiritual, mostra-se fortemente indutivo". ([2], Cap. VI).

Não pode haver interrupções intempestivas, pois podem operar-se "desajustes e perturbações físicas, perispiríticas e emocionais de resultados imprevisíveis" para ambos.

Por exemplo, num trabalho de efeitos físicos, feito no escuro, suponhamos que alguém, de repente, quisesse acender a luz e estabelecer uma verificação qualquer, abrupta e

estentoriamente, para verificar qualquer possibilidade de fraude. Poderia ser de efeito desastroso, com a prova até do desencarne do médium.

7.2.3. - Capacitância

Outro fenômeno comum é o da absorção e restituição da energia de forma dosada, segundo as melhores condições de distribuição.

Por exemplo, quando a roda de um carro sofre um impacto violento, passa por um buraco, a mola absorve a energia do impacto, passando a oscilar. Se não existisse, a suspensão quebraria. Em cada oscilação, numa metade, absorve energia: na outra, ela a restitui. E isto até dissipar toda a energia do impacto, com o auxílio dos amortecedores, pela suspensão.

No circuito elétrico, quando ele sofre o impacto de uma corrente, quem faz o papel da mola são os condensadores ou capacitores. Sob o impacto acumulam energia elétrica; eliminada a corrente, eles a restituem.

Este fenômeno é aproveitado para distribuir melhor a energia elétrica de um circuito. Na carga eles acumulam, na descarga a restituem. Por este mecanismo, junto a outros implementos, entende-se como se possa fazer de modo a ter uma distribuição de energia elétrica, feita segundo uma forma desejada: guarda-se o excesso para distribuí-la na falta, regularizando ambas as situações.

Com base neste princípio, há inúmeros tipos de aplicação útil.

No circuito mediúnico, também há fenômeno semelhante. Há armazenamento de recursos espirituais no circuito mediúnico e respectiva devolução regulada, segundo suas características. É o fenômeno da sintonia psíquica que se expressa "na capacidade conceptual e interpretativa na região mental do médium que acumulará os valores recebidos da entidade que o comanda, devolvendo-a com a possível fidelidade ao serviço do circuito mediúnico na ação do intercâmbio".

A mente, ao instruir-se servindo, desenvolve seus recursos segundo a lei do aprendizado ([3], Cap. 6).

Como quando se aprende a guiar um automóvel. Intelectualmente, o indivíduo rapidamente se dá conta de como fazê-lo; entretanto, ele só poderá fazê-lo quando automatizar o comportamento. Ação física ou ação intelectual, ambas obedecem ao mesmo princípio. E essa automatização deve ser entendida como uma adaptação dos recursos que a mente tem à sua disposição no corpo fisiopsicossomático, para que o comportamento se estabeleça. É neste sentido que se deve entender a forma pela qual a mente constrói, ao longo do tempo, a urdidura de elementos, o corpo espiritual e o corpo físico, através dos quais ela se exprime.

Se não tivermos passado pela experiência e não tivermos construído certa dose de recursos pelo desenvolvimento próprio, não poderemos oferecê-los de empréstimo a quem se disponha a usá-los. A mente comunicante envia ao médium a onda mental, e esta atua como atuaria a nossa. Não pode portanto comandar recursos que não existiam. É o mesmo que emprestar a alguém uma máquina de calcular que não programa. Ele não poderá servir-se dela para isto, porque ela não aceita programação.

Daí a necessidade de renovação daqueles que estão investidos da tarefa mediúnica: sublimação de anseios, elevação de ideais, necessidade de estudo, bondade, fé e amor nas ações. Ampliar os conhecimentos e melhorar os sentimentos. Não poderemos situar-nos como intermediários diante dos grandes gênios da sabedoria, se não lhes assimilarmos e desenvolvermos os princípios. Não poderemos veicular as messes oferecidas pelos gênios do amor, se não tivermos instaurado em nós mesmos os recursos da virtude e dos sentimentos dignos. É como o professor. Não veiculará os ensinos dos grandes mestres se não lhes absorver os conhecimentos, embora não necessite igualar-se-lhes. É claro, porém, que maior se torne, melhor transmitirá.

"Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos com os quais nos colocamos em sintonia.

Andorinhas acompanham a beleza da primavera.

Corujas acompanham as trevas da noite.

O mato inculto asila serpentes.
A terra cultivada produz o bom grão.
Na mediunidade, essas leis se expressam ativas.

... Nossos companheiros na Terra, ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, "teremos nosso tesouro onde colocarmos o coração" ([4], nº 28).

Em relação a esta analogia, André Luiz afirma categoricamente em [1], Cap. V, que as impressões colhidas pelos poros, quais minúsculas antenas, "apóiam-se nos centros do corpo espiritual, que funcionam à guisa de condensadores, atingem de imediato os cabos do sistema nervoso ...".

Terminando, enfim, diz André Luiz, em [2], Cap. VI:

"Essas analogias são valiosas, compreendendo-se porque, nas tarefas mediúnicas, organizadas para fins nobres, é sempre necessária a formação de um circuito em que cada médium permanece subordinado ao tradicional "Espírito-guia" ou determinado orientador da Espiritualidade."

a - Bibliografia

[1] André Luiz - Nos Domínios da Mediunidade.
[2] André Luiz - Mecanismos da Mediunidade.
[3] Rino Curti - Evolução e Espiritismo.
[4] Emmanuel - Roteiro.

b - Leituras Complementares

As dos capítulos das obras citados no texto.

c - Perguntas

1ª - Como se processa a transmissão de idéias da entidade para o médium?
2ª - Como somos afetados por nossas criações mentais?
3ª - Como podemos distinguir a nossa da onda mental que nos é enviada?
4ª - Esclareça a diferença entre adesão e subjugação. Como vê isto em relação ao livre-arbítrio do médium?
5ª - Explique a resistência em um circuito mediúnico.
6ª - Explique a indutância num circuito mediúnico.
7ª - Explique a capacitância num circuito mediúnico.
8ª - Como a mente constrói seus recursos fisiopsicossomáticos, ao longo do tempo?
9ª - Por que há necessidade de renovação por parte dos médiuns?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 7.

7ª Aula Prática

Título: Mediunidade e Personalidade

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 — Rever as recomendações para a aula, do Cap. 7º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Os alunos deverão permanecer em concentração, sem dar passividade, a não ser que sejam solicitados a fazê-lo, por um dos médiuns.

Na mente, no cérebro, temos recursos que ainda não aprendemos a utilizar. Fazê-lo é o objetivo de nosso desenvolvimento futuro. Medite no que tem feito para aumentar suas possibilidades.

Na mediunidade, os Espíritos só podem utilizar o que lhe possamos oferecer em uso. Não podem servir-se, utilizar o que não tenha sido ativado, despertado. Procure observar o que se passa com você e procure ampliar suas possibilidades pelo estudo sério e bem conduzido.

Não se preocupe se o que se passa com você é diferente do que ocorre com outros. A mediunidade, o modo de sentir, a faixa de sintonização diferem de pessoa a pessoa. Ninguém é igual. Procure valorizar-se pelo que você é. Faça o melhor, sem querer se igualar a quem quer que seja, sem julgar-se

pior ou melhor. Aceite sua tarefa como ela se apresenta e utilize-a no ideal superior de bondade e do serviço ao próximo.

As mudanças de comportamento não são fáceis nem imediatas. Pense, por exemplo, na dificuldade de abandonar um vício. Além de que, somos presa fácil de más influências, enquanto não nos tenhamos fortalecidos no conhecimento, na fé, na vontade e no atuar a benefício de todos.

Não se pode dar asas ao desânimo.

3ª Parte: Encerramento.

Idem.

CAPÍTULO VIII

A Tarefa Mediúnica

8.1. - Analogia de Circuitos

André Luiz, em [1], Cap. VII, continua com as analogias para melhor poder explicar os fenômenos mediúnicos.

Continuando, então, lembraríamos que a queda livre de um corpo depende da gravidade, a única força que nele atua. Entretanto, se o mesmo é abandonado a si mesmo, ao longo de um plano inclinado, cai com menor velocidade, pois, neste caso, aparece a força de atrito a opor-se à força da gravidade. É o motivo pelo qual as pessoas se lançam de uma certa altura por um tobogã e não despencam da mesma altura, livremente.

O mesmo diremos de uma queda d'água. Uma coisa é a queda livre, outra é a queda por um cano. Neste caso, a queda não só dependerá do desnível, mas dependerá também da resistência oferecida pelo cano e de outros elementos que possam dificultar sua passagem.

Com a corrente elétrica passa-se algo semelhante. Seu valor, para uma mesma diferença de potencial, depende da resistência do condutor; ou então, depende da diferença de potencial e da resistência.

8.2. - Continuidade de Correntes

A quantidade de água que sai de uma torneira depende da pressão da água da rua ou da caixa; ela se mantém enquanto esta pressão permanece. Analogamente podemos elevar, de uma caixa subterrânea a uma caixa no telhado, uma quantidade de água, por um fluxo contínuo durante um certo tempo, por meio de uma bomba. Num circuito elétrico, ocorre algo semelhante: a corrente elétrica manter-se-á constante desde que um gerador a sustente.

Registraremos aqui, como o faz André Luiz em [1], Cap. VII, as figuras de analogia até agora utilizadas.

a - Curso d'água.	Corrente elétrica.	Corrente mediúnica ou mental.
b - Pressão hidráulica.	Diferença de potencial elétrico ou tensão.	Sintonia psíquica.
c - Resistência do encanamento.	Resistência dos condutores no circuito elétrico.	Inibições ou desatenções do médium.
d - Desnível ou bomba a fim de manter o fluxo d' água superando a resistência do encanamento.	Gerador que assegure a tensão capaz de sustentar a corrente elétrica no condutor dependente de sua resistência.	Manutenção voluntária do pensamento constante de aceitação ou adesão dos médiuns ao Plano das entidades da Esfera Superior, que se disponham a utilizá-los em serviço de elevação ou socorro.

Tanto quanto lhes seja possível, devem os médiuns alimentar esse pensamento ou recurso condutor, sempre mais enriquecido dos valores do tempo e condição, sentimento, e cultura, com o alto entendimento da obra de benemerência ou educação a realizar" ([1], Cap. VII).

Tais analogias servem apenas de apoio à intuição para que se possa compreender melhor os fenômenos, uma vez que entre curso d'água, corrente elétrica e corrente mediúnica, o paralelismo que se possa estabelecer é extremamente reduzido.

Assim, por exemplo, uma corrente elétrica, ao passar por um condutor, é acompanhada de efeitos que não existem na corrente hidráulica. Com a corrente elétrica há o efeito luminoso, calorífico, magnético, que não tem similar em relação ao curso d'água. Analogamente nada há "na corrente elétrica que possa equivaler ao efeito espiritual do circuito mediúnico".

A comparação, diz André Luiz, é efetuada simplesmente para estabelecer "a imagem de **correntes circulantes**", salientando que, seja a corrente líquida, a elétrica e a mental, "podem ser adaptadas, controladas, aproveitadas ou conduzidas, não podendo, entretanto, suportar indefinida armazenagem ou detenção, sob pena de provocarem o aparecimento de charcos, explosões e rupturas, respectivamente.

8.3. - O Papel do Médium

Questão importante, a esta altura, é a de estabelecer qual o papel do médium nos fenômenos mediúnicos. O fato de que o médium necessita apassivar-se, ter possibilidades de sintonia com as entidades, e em virtude de que certos aspectos dos fenômenos independem da vontade do médium, leva várias pessoas a acreditarem que os fenômenos são espontâneos, independentes do que o médium possa ou não querer, de sua participação.

Quanto aos fenômenos físicos, já o dissemos: há fenômenos espontâneos independentes da vontade do médium, mas representam a exceção e quase sempre estão relacionados a processos de perturbação ou de prova.

Quanto aos fenômenos psíquicos ou subjetivos, André Luiz é taxativo: "Não se veja, em nossas assertivas, qualquer tendência à inutilização da vontade do médium, com evidente desrespeito à personalidade humana, inviolável em seu livre-arbítrio" ([1], Cap. VII).

A tarefa mediúnica é como outra qualquer. A pessoa que se submete a uma certa atividade, pelo fato de receber ordens, por ter de seguir normas, especificações, cumprir um horário etc., não significa que esteja a renunciar ao seu livre-arbítrio.

Um operário que se emprega em uma fábrica, um mecânico, por exemplo, no seu posto de trabalho, tem sua incumbência que lhe exige executar tantas peças, de um determinado feitio,segundo certo desenho, para um fim que, às vezes, mal conhece. E para que ele possa obter o emprego, deve comprovar capacidade, conhecimento, experiência adquirida na tarefa, sem que isto incorra em qualquer restrição à sua liberdade. Ele **adere**, participa de uma realização, **não é obrigado** a ela. A disciplina e as normas a que se submete, fazem parte

desta adesão que significa cooperação voluntária, tornar-se útil, servir à comunidade, obtendo disto o seu sustento e a satisfação profissional de poder participar de uma obra útil. Tem um horário a cumprir, o que significa que não pode deixar-se conduzir por outros interesses que o levem a perder tempo. Ao produzir, coloca sua experiência, sua atividade, sua prestatividade e eficiência voluntariamente, por esforço próprio, não por exigência dos outros. E é evidente que, se não o fizer, não poderá manter-se no posto, senão compromete a produtividade. E é claro que poderá melhorar sempre e cada vez mais sua atuação, desde que, para isso, encontre satisfação na tarefa e se desenvolva pelo interesse no estudo, no aperfeiçoamento que possa realizar em si mesmo.

O trabalhador operoso, cumpridor dos deveres, interessado na sua tarefa, procurando melhorar-se continuamente, sempre empenhado na ação construtiva, este sim é um homem livre, realizador, a crescer, a evoluir e a efetuar conquistas na realização de si mesmo. Infeliz é o outro, o que não se adapta a qualquer situação operosa: o desleixado, o faltador, o negligente, desinteressado. Este sim torna-se joguete das circunstâncias, submisso à penúria, à falta de oportunidades, candidato à escravatura das perturbações e desajustes.

Conta Néio Lúcio em [2], Cap. XIII que, em certa ocasião, um rapaz se apresenta, caixa de ferramentas nas costas, numa carpintaria, à procura de emprego.

"Parecia humilde e educado".

Inquirido pelo Diretor da instituição, suplica trabalho, referindo-se às suas agruras e necessidades, não tendo conseguido, até então, arrumar emprego, ele que inclusive era arrimo de família, amparando pais velhos.

O Diretor pede que lhe mostre as ferramentas. Todas em mau estado, pelo desleixo, descuido e falta de conservação.

— Para o Senhor, não temos qualquer trabalho — lhe diz.

— Mas por quê? — em tom de súplica.

— Se o Senhor não tem cuidado com o que é seu, como o terá com o que é nosso e lhe será confiado? — Se é indiferente naquilo que deve sentir-se honrado, chegará a ser útil aos interesses alheios? Quem não zela... no pouco de que dispõe, não é digno de receber o muito. Aprenda a cuidar das coisas aparentemente sem importância. "Pelas amostras, grandes negócios se realizam ... e o menosprezo para consigo é indesejável mostruário de sua indiferença perniciosa."

Em [2], Cap. XLIV, Néio Lúcio escreve que todos "somos chamados a servir: cada um dentro de uma especialidade".

"Se cada árvore produz, segundo a sua especialidade, a benefício da prosperidade comum, lembremo-nos de que somos todos chamados a servir, na obra do Senhor, de maneira diferente.

"Cada trabalhador, em seu campo, seja honrado pela cota de bem que produza e cada servo permaneça convencido de que a maior homenagem suscetível de ser prestada por nós ao Senhor é a correta execução do nosso dever, onde estivermos."

A tarefa mediúnica é uma tarefa como outra qualquer.

Quando se diz que o médium deve elevar-se em conhecimento e virtude, é porque a comunicação obedece à lei da sintonia. Da mesma forma o estudante não poderá candidatar-se ao ensinamento superior se não se capacitar primeiro à aquisição de conhecimentos que são pré-requisitos.

Ele não poderá oferecer o próprio instrumento à transmissão da sabedoria, se ele não o tiver preparado antes pela manifestação da própria sabedoria. Não poderá privar da companhia de seres mais evoluídos, se ele não se elevar até eles, pela prática e assimilação das qualidades necessárias.

"Quem aspira à companhia dos anjos, mostre boas maneiras, boas palavras e boas ações aos vizinhos" ([2], Cap. XIII).

E, assumida a responsabilidade, assim como o bom trabalhador não pode ocupar-se de outras coisas, senão daquilo de que está incumbido, assim "os médiuns trazidos ao serviço da reflexão do Plano Superior, quer nas obras de Caridade e esclarecimento, quer nas de instrução e consolo, precisarão abolir tudo o que lhes constitua preocupações extras, tanto no que se refira à perda de tempo, quanto no que se reporte a interesses subalternos da experiência vulgar".

Analogamente, da mesma maneira que o operário integrado no seu trabalho executa sua tarefa com responsabilidade e dedicação voluntária, assim o médium deve sustentar-se "por esforço próprio e não por exigência dos Espíritos Benevolentes e Sábios, em clima de responsabilidade, alegremente aceita."

Finalmente, da mesma forma que o cooperador motivado busca aperfeiçoar-se para valorizar sua cooperação, sacrificando suas horas vagas ao interesse do próprio burilamento e ampliação de conhecimentos, assim o médium deve buscar "em clima de responsabilidade, alegremente aceita, e de trabalho voluntário, na preservação e enriquecimento dos agentes condutores da sua vida mental, no sentido de valorizar a própria cooperação, com fé no bem e segura disposição ao sacrifício, no serviço a efetuar-se" ([1], Cap. VII).

Conta Néio Lúcio em [3], nº 43, as considerações emitidas pelos apóstolos a Jesus, quanto à dificuldade de aprimoramento num mundo avesso à bondade, à renúncia e ao perdão.

Ao que Jesus esclarece que ensino e aproveitamento não dependem de circunstâncias externas, mas somente do aprendiz. E conta a seguinte estória.

Houve um grande artista, solista de harpa, que se especializara com grande perfeição. Suas audições eram procuradas e freqüentadas com grande interesse e por pessoas importantes, que vinham de grandes distâncias para ouvi-lo. Fez renome e fortuna, parecendo que ninguém poderia igualá-lo.

Em seus saraus e exibições, o atendimento das pessoas era feito por um seu escravo aparentemente inútil e atoleimado, que jamais se manifestava, embora fixasse toda a sua atenção no instrumento divino. Passado muito tempo, uma noite, ao voltar para a sua casa, o artista ouve com espanto celeste melodia no ar, tocada magistralmente por alguém em sua casa.

Adentrando, com a impressão de que estaria surgindo alguém que pudesse evidenciar ideal artístico superior ao dele, com indizível assombro, surpreende seu velho escravo tolo a revelar-se como o misterioso tocador que assim se desenvolvera nos minutos que dispunha para si.

Comovido, o artista libertou-o e conferiu-lhe a posição a que fazia jus. E termina dizendo: — "A aquisição de qualidades nobres e a glória infalível do esforço. Todo homem e toda mulher que usarem as horas de que dispõem na harpa da vida, correspondendo à sabedoria e à beleza com que Nosso Pai se manifesta, em todos os quadros do mundo, depressa lhe absorverão a grandeza e as sublimidades, convertendo-se em representantes do Céu para seus irmãos em humanidade. Quando a criatura, porém, somente trabalha na cota de tempo que lhe é paga pelas mordomias da Terra, sem qualquer aproveitamento das largas concessões de horas que a Divina Bondade lhe concede no corpo, nada mais receberá, além da remuneração transitória do mundo".

8.4. - Condução das Correntes

André Luiz encerra a Cap. VII em [1] com a seguinte analogia: para a distribuição útil das águas necessitam-se reservatórios e canais, represas e comportas, em edificações adequadas.

Na distribuição da energia elétrica, não se pode prescindir de geradores e implementos outros para a dosagem de correntes e voltagens, para a utilização nas várias aplicações.

"No aproveitamento da corrente mental ... são necessários instrumentos receptores capazes de atender às exigências da emissão", da veiculação, da divulgação, " ... compreendendo-se desse modo que a corrente líquida, a corrente elétrica e a corrente mental dependem, nos seus efeitos, da condução que se lhes imprima".

a - Bibliografia

[1] André Luiz: Mecanismos da Mediunidade.
[2] Néio Lúcio: Alvorada Cristã.
[3] Néio Lúcio: Jesus no Lar.

b - Leituras Complementares

As dos capítulos das obras citadas no texto.
Irmão X: Contos desta e doutra Vida - Caps. I, 18, 37.

Joana de Angelis (Psic. Divaldo P. Franco) Glórias e Mediunidade; Na Seara Mediúnica; Ante a Seara Espírita.

c - Perguntas

1ª - O que significa "sustentar o pensamento de adesão"?
2ª - Que papel exercem o sentimento e a cultura no exercício da mediunidade?
3ª - São os fenômenos mediúnicos espontâneos?
4ª - "Todos somos chamados a servir de maneira diferente". Explique.
5ª - Por que a mediunidade é uma tarefa como outra qualquer?
6ª - As comunicações são regidas pela lei da sintonia. Isto requer o que do médium?
7ª - Lazer e trabalho: em ambos devemos buscar a sublimação pelo esforço. Explique.

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 8.

8ª Aula Prática

Título: Circuito Mediúnico

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula, do Cap. 7º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Sob a orientação dos médiuns, os candidatos dirigirão seu pensamento para uma prece espontânea.

O exercício é o de deixar-se inspirar pelo Plano Espiritual, procurando distinguir as idéias que lhe são inspiradas, das suas.

Quando o aluno perceber a inspiração, deverá acolhê-la quanto mais possa, captando-a pela intuição e repetindo-a, ou entregando-se à incorporação, um por vez.

Para o bom sucesso, o médium não pode distrair-se. Nem pode ocorrer qualquer fato que possa provocar desatenção ou quebra de concentração. Mesmo que isso aconteça, os alunos deverão esforçar-se para que isso não os tolha da concentração.

Observação: A prece espontânea é um teste que evidencia o hábito de elevar o pensamento. Por isso, para quem não o tenha, ela oferece dificuldade. Quanto mais dificuldade sinta em fazer preces espontâneas, mais necessidade demonstra de renovação de anseios, elevação de ideais, necessidade de estudo, bondade, fé e amor.

3ª Parte: Encerramento.

Idem.

CAPÍTULO IX

Magnetismo Mental

9.1. - Introdução

O magnetismo animal, primeiramente evidenciado por Mesmer e confirmado pelo Espiritismo, foi negado pelos estudiosos não espíritas, que o consideraram não existente. Isto porque não foi possível explicá-lo em função das leis físicas conhecidas.

Mas o magnetismo animal não é explicável em termos físicos. Ele obedece a leis dessa matéria menos condensada do Plano Espiritual que André Luiz, por facilidade de expressão e por falta de outros recursos de linguagem, denomina de matéria mental.

O que se pode fazer é explicá-lo por meio de analogias com o magnetismo físico, dando, mais do que uma explicação, uma referência, sobre a qual se possa apoiar a intuição, a fim de estabelecer um maior entendimento.

A denominação magnetismo animal é antiga. Nós adotaremos neste texto a denominação de magnetismo mental. Quanto às analogias, seguiremos as de André Luiz, citadas em [1].

9.2. - Dotes Mediúnicos

Em primeiro lugar, lembra ele que a diferença entre os corpos que chamamos condutores e os que não o são, reside numa diferença existente na sua estrutura atômica.

No condutor, elétrons da camada periférica estão fracamente ligados ao próprio átomo, de modo que, sob a ação de um campo produzido por uma tensão, se deslocam, indo ocupar o lugar deixado vago por outro, em sucessão. E isto constitui a corrente elétrica — o fluxo de elétrons livres do condutor, quando submetido a um campo elétrico.

"As criaturas dotadas de mediunidade estuante e espontânea" tem, na estrutura da matéria mental que lhes pertence, disposições pelas quais "a sensibilidade psíquica se deixa transpassar naturalmente, pelas irradiações mentais afins, reclamando **educação adequada para** o justo aproveitamento dos recursos de que são portadores" ([1], Cap. VIII).

O grifo é nosso. Devemos lembrar que a corrente elétrica, colocada em jogo, nada mais é do que explorar características próprias do material. Submetido a um campo, este responde com uma corrente, cujo valor depende de sua própria natureza. Assim, no cobre, no alumínio, na prata, no ferro etc.... as correntes produzidas para um mesmo campo diferem.

No médium, a sensibilidade psíquica está relacionada à sua capacidade de ideação, raciocínio, memória, sentimentos, emotividade, saber, virtudes etc., que dependem de seu estágio evolutivo, de seu caráter e personalidade.

Diferentes médiuns, sob as mesmas irradiações mentais, devido a certas disposições, liberam a fala, a escrita etc., mas respondem com os recursos que a sua sensibilidade psíquica alcançou; isto é, em função da capacidade de sintonia de que são possuidores, com as possibilidades de plasmagem de que dispõem, restrita aos seus recursos evolutivos, para a reprodução de idéias que lhes são sugeridas, ou oferecidas à intuição.

Mediunidade é faculdade pouco conhecida. A seu respeito há muita conceituação ainda mal elaborada de idéias muito pouco claras e, às vezes, muito ligadas ainda a preconceitos, formando um emaranhado de concepções ainda bastante confusas. O fato é que o médium, em primeiro lugar, necessita saber o que ocorre, o que se passa com ele. Em segundo lugar, precisa entender como deve utilizar esta sua faculdade em relação aos valores, frente ao seu semelhante, e em relação ao seu próprio progresso. E estes não dizem respeito a fins transitórios, mas sim a fins espirituais, que transcendem as razões desta vida.

"Meu Reino não é deste mundo", afirmava Jesus.

9.3. - Meu Reino não é deste mundo

O estudo da mediunidade, de per si, afirmam alguns, independe de qualquer filosofia ou moral religiosa. Ela se cons-

titui de características humanas, causadoras de fenômenos, cuja observação e experimentação, inclusive, devem ser feitas à margem de toda e qualquer idéia cerceadora ou preconcebida. Tanto isto é verdade que a encontramos em todas as épocas, em todos os povos, em todos os homens.

Responde o espírita dizendo que, sem dúvida, o mediúnico é um fenômeno natural, porém relacionado à personalidade humana, ao comportamento das criaturas, à sua evolução. A mediunidade não é um sentido, como o ouvido, a visão ou o olfato, captadores de percepções dentro de um campo que lhe é externo. Nela percepciona-se sim, mas por sintonia, por faixas estabelecidas por uma visão interior que seleciona, no campo, aspectos relacionados à mais íntima maneira de ser do médium, dependente do bem ou do mal que nele se tenha instaurado.

Isto explica, em parte, porque sensitivos das experiências parapsicológicas não conduzem ao mesmo tipo de experiências do médium espírita, do médium de umbanda etc. ... Porque a visão interior difere, conduz a faixas distintas de percepção, em função dos objetivos que os sensitivos se fixam. Por exemplo, todos temos olfato, entretanto só um químico experiente pode, por si mesmo, designar substâncias; ele tem o sentido "educado", o que não é o mesmo que "condicionado", adquirido por sugestão.

Por isto, ao considerar a mediunidade, não se pode deixar de considerar os aspectos morais e evolutivos que a condicionam, uma vez que deles depende o estabelecimento da faixa de intercâmbio com o Plano Maior, capaz de nos proporcionar crescimento para a edificação de um mundo melhor, o aperfeiçoamento da vida no planeta, a solução dos problemas do destino e da dor ([1], "Ante a Mediunidade").

Entende-se que os que encaram a religião como um óbice à investigação científica, o fazem porque pensam naquelas religiões dogmáticas, fechadas, infensas à renovação, atreladas a seus dogmas, à luz dos quais tudo querem submeter. O Espiritismo, entretanto, é antes de tudo Ciência: sobre os dados científicos erige uma filosofia, e sobre ambas infere a Religião, como conseqüência. Disto resulta o aspecto evolutivo das religiões e sua importância no direcionamento das atividades humanas.

Assim como a Ciência e a Filosofia se modificam, crescem, se ampliam sobre as construções que as precederam, da mesma maneira as religiões progridem. A Revelação é progressiva: princípios, conceitos, concepções estão subordinados à evolução guiada pelo Alto e conduzida por Mensageiros, Medianeiros entre os dois Planos, como o são os gênios nas outras atividades em geral.

Na primeira fixação das leis que governam o mundo moral, Moisés obtém os Dez Mandamentos do Plano Espiritual, institui tais leis sob a mesma orientação, revela-lhes aspectos que superam aqueles já distingüidos pelos pagãos.

Jesus realiza nova ampliação.

Diz Ele: "Vos foi dito: — Amarás a teu próximo e aborrecerás a teu inimigo. Mas eu vos digo: amai a vosso inimigo, fazei bem aos que vos têm ódio; orai pelos que vos perseguem e caluniam" (Mateus, 5:43,44). "Ouviste que foi dito aos antigos: Não adulterarás. Eu porém vos digo: que todo o que olhar para uma mulher, cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela" (Mat., 5:27,28).

Pela primeira vez, estabelece o conceito de caridade, expresso na parábola do bom samaritano, que inicia, desde então, um novo sentimento de solidariedade humana. Glorifica o trabalho, antes vilipendiado . Enaltece a humildade, acima de todas as virtudes. Fixa para sempre, como comportamento mais adequado nas relações entre os homens, o amor ao próximo.

E eis que, hoje, o Espiritismo, como nova revelação, como o Consolador por Ele prometido, vem dar seguimento à tarefa do esclarecimento, com suas mensagens, com novas revelações, com a renovação de conceitos, retomando os princípios, os postulados cristãos, ampliando-os, enriquecendo-os de novo conteúdo, com as leis da evolução e reencarnação, reformulando a idéia de morte.

Reconceitua a própria noção de Religião. É a partir das idéias, do pensamento contínuo que se nos edificam a organização fisiopsicossomática, as aptidões, as virtudes, pelas quais nos exprimimos, segundo a evolução alcançada. A atividade religiosa nasceu como o instituto de higiene do espírito, para altear o pensamento, a fim de assegurar o desenvolvimento anímico, a assimilação dos valores do Espírito, conduzindo-o ao necessário burilamento ([2], Cap. 11). Conceituamo-la então como "o sistema (educativo) de crescimento da alma para Deus, qual força que expande os potenciais do sentimento, que edifica a humanidade, que estrutura o caráter".

Indica, ainda, definitivamente, o elo que une Ciência, Filosofia e Religião, o liame que as entrelaça e que as revela como facetas de um mesmo conjunto determinante do progresso humano. Comprova que este é feito de Ciência, Filosofia e Religião. É Ciência, porque é a esta que cumpre ampliar as possibilidades de nossos sentidos, multiplicar nossos poderes de realização. É Filosofia, porque é a esta que compete aumentar os recursos do raciocínio, o descobrimento das leis do pensar, a constatação da legitimidade dos ensinamentos que a mente pode alcançar. Acima de tudo, porém, é Religião, porque é a esta que cabe orientar o sentido de crescimento das outras duas, é a ela que cabe dirigi-las para o mais alto do desenvolvimento humano. Seu papel é o de iluminar o coração, orientar os desejos humanos rumo aos cimos espirituais resididos por Deus, a fim de que, motivando as perquirições da Filosofia, possam conduzir a Ciência ao seu papel mais próprio que é o de aumentar a potencialidade no servir.

Para manter a própria potencialidade de orientadora, de guia, de esteio, de suporte, sobre o qual estas se desenvolvem, a própria Religião deve adaptar-se aos desígnios que lhe impelem o evoluir, tem que estar sempre voltada às fontes da Revelação, necessita estar continuamente capacitada a desenvolver-se. Não pode subordinar-se aos caprichos humanos, aos interesses egoísticos, à lamentável ambição daqueles que dela pretendem utilizar-se, na consecução de propósitos menos edificantes, porque, além de perder sua possibilidade evolutiva, perde sua capacidade de guiar, torna-se responsável por deitar a perder Ciência e Filosofia, como instrumentos preciosos na dignificação da vida, entregando-as, possivelmente, ao auxílio da tirania, violência e destruição.

Por isso Jesus declarava: "Não vim destruir a lei, mas cumpri-la" (Mat. 5:17).

Vinha trazer à Religião uma nova Relevação, outro influxo de energias vitalizadoras, outro avanço de conceituação.

Tudo está sujeito à evolução.

Na afirmação do versículo, inclusive, fica simbolizado o papel do homem, em tudo aquilo com que ele se relaciona. Nada foi criado, estabelecido ou originado por Deus com a incumbência de destruir. As faculdades, os instrumentos, os apetrechos, os meios todos de que dispomos: a inteligência, o raciocínio, o discernimento, a força, a riqueza, a língua, a capacidade de julgar, nada enfim foi-nos concedido para destruir, para aniquilar o que é imperfeito. Foram-nos concedidos, porém, para completar o que se encontra inacabado, para edificar, fortalecer, realizar a união de todos com a Criação, segundo os desígnios de Deus.

A esta visão de realização, de trabalho, de conquistas a serem efetuadas no sentido construtivo para a edificação de nosso progresso, subtraem-se certos Ascéticos que crêem encontrar no versículo 36 de João, XVIII: "meu Reino não é deste mundo..." mas agora o meu Reino não é daqui, o fundamento da deserção do mundo. São os que diante das dificuldades impostas ao discípulo, dos sacrifícios que a propagação da Boa Nova reclama, pensam que "seria melhor fugir do mundo para viver na incessante contemplação do Reino" ([3], Cap. 6).

Diz Emmanuel em [4], nº 133: — "Ajoelham-se por tempo indeterminado, nas casas de adoração, e acreditam efetuar, na fuga, a realização da santidade ... cruzam os braços à frente dos serviços de regeneração ... reportando-se ao Cristo ... quando asseverou que o seu Reino ainda não se instalara nos círculos da luta humana".

Certo é que não se pode servir a dois senhores, ao mundo pelo apego a seus gozos e riquezas, a Deus, servindo à sua

obra na Terra. Certo também é que as realizações exigem meios que são dele. O que se deve entender é que não é sua posse que nos denigre. É o uso que deles fazemos. Se utilizados para a satisfação de apelos inferiores, arcamos com conseqüências ruinosas. Se utilizados para o desenvolvimento do bem geral, defrontar-nos-emos com a solidariedade da criação, que retribuirá à nossa ação na mesma medida do que lhe dermos, no cumprimento da máxima de que é dando que se recebe. A possibilidade de erro não nos exime de enfrentar as vicissitudes porque é só na experiência repetida e vivida que o espírito se nos engrandece.

Diz Allan Kardec ([5], Cap. II): — "Deus ... não condena os gozos terrestres: condena, sim, o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma. Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: Meu Reino não é deste mundo".

Conta Néio Lúcio em [6], Cap. 11, estória esclarecedora acerca da fuga das lutas do mundo e do desprezo das oportunidades que ela oferece.

Certo devoto retirara-se para gruta isolada a fim de servir a Deus, permanecendo aí em preces e meditação. O povo levou-o em conta de santo e passou a consultá-lo sobre todo e qualquer problema que tivesse de enfrentar.

Diante de um plano comercial, via somente a sede de lucro e taxava-a de cobiça: sobre o casamento via luxúria; acerca da ascensão a um elevado cargo público, considerava tratar-se de paixão pelo poder; e a todos convidava a orar e a vencer os maus pensamentos, que assim se entristeciam e "passavam a partilhar-lhe os ócios na soledade, em absoluta paralisia da alma".

Desencarnado foi conduzido a terrível purgatório de assassinos, pelo que, desesperado, indagou dos motivos de semelhante e tão inesperada aflição. A resposta era de que ali ele era "identificado como matador da coragem e da esperança em centenas de irmãos em humanidade ... A fé sem obras é uma lâmpada apagada ... porém o ato de desanimar os outros, nas santas aventuras do bem, é um dos maiores pecados diante do Poderoso e Compassivo Senhor".

André Luiz em [7], nº 20, comentando a passagem, conclui: "A vida humana constitui cópia imperfeita da Vida Espiritual: todavia, a perfeição das Grandes Almas desencarnadas da Terra foi adquirida no solo rude do Planeta ..."

a - Bibliografia

[1] André Luiz: Mecanismos da Mediunidade.
[2] Rino Curti: Espiritismo e Evolução.
[3] Humberto de Campos: Boa Nova.
[4] Emmanuel: Pão Nosso.
[5] Allan Kardec: O Evangelho Segundo o Espiritismo.
[6] Néio Lúcio: Jesus no Lar.
[7] Autores Diversos: O Espírito da Verdade.

b - Leituras Complementares

As dos capítulos citados no texto.

c - Perguntas

1ª - Às vezes, os Espíritos não encontram, entre vários médiuns presentes, disposições adequadas para a comunicação. Como explica este fato?
2ª - Explique por que a sensibilidade psíquica requer educação adequada para o aproveitamento de seus recursos.
3ª - Por que os espíritas, ao estudarem o fenômeno mediúnico, não o fazem independentemente da concepção religiosa?
4ª - A Revelação é progressiva. Comente.
5ª - Qual o conceito de Religião, segundo o Espiritismo?
6ª - O Espiritismo é Ciência, Filosofia e Religião. Explique e compare com as afirmações análogas anteriores.
7ª - Qual a raazão de certas religiões terem perdido a condição de guia?
8ª - Comente sobre os que acreditam poder alcançar a santidade pelo ascetismo.
9ª - "O ato de desanimar os outros, nas santas aventuras do bem, é um dos maiores pecados diante do Poderoso e Compassivo Senhor." Comente.

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.

Estude e ponha em prática o Cap. 10.

9ª Aula Prática

Título: A Tarefa Mediúnica

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula, do Cap. 9º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

O aluno começa a buscar contato com o Plano Espiritual, procurando apassivar-se. Para isto é fundamental a preparação anterior, feita desde o levantar-se.

Os médiuns devem ir percorrendo os candidatos e indicar quando haja influenciação. Só neste cáso os alunos devem dar passividade.

É preciso que o médium aprenda primeiro a submeter-se à disciplina e a exercitar sua adesão.

É semelhante a um músico em uma orquestra. Ele está ali para dar a sua manifestação, fruto de esforço, exercício, estudo, aprimoramento, mas sob a batuta do Maestro e restrito à partitura que lhe é designada, com senso de responsabilidade, sem que se deixe desviar deles por outros fatores estranhos.

Até que o aluno aprenda a conduzir-se por si só, a como, quando e a quem aderir, na tarefa espiritual, ele deverá sempre permanecer sob a orientação do médium.

E lembre-se de que o sucesso, no mandato mediúnico, depende essencialmente de si próprio.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)

Idem.

CAPÍTULO X

Mediunidade e Magnetismo

10.1. - Magnetismo

Estenderemos agora as analogias ao magnetismo.

Como já dissemos, sempre que um condutor é percorrido por uma corrente elétrica, cria-se, em derredor, um campo magnético. Este fato pode ser constatado colocando, na região, uma agulha imantada. A fonte de magnetismo é a carga elétrica em movimento.

Pois bem, um elétron é uma carga elétrica que se move no átomo segundo determinadas órbitas. É como se ele constituísse um anel de corrente. Além deste movimento orbital e dos saltos que ele pode fazer de uma órbita a outra, ele possui um movimento rotatório em torno do seu próprio eixo, propriedade esta denominada SPIN. Sob este aspecto, ele pode ser considerado também um anel de corrente, uma carga elétrica, em movimento, produzindo, portanto, um campo magnético.

Um anel de corrente produz um campo magnético que, a distância considerável, se apresenta como se ele tivesse sido produzido por um pequeno ímã, de comprimento igual ao diâmetro do anel, com pólo positivo, numa extremidade, um pólo negativo na outra — um dipolo, como se diz.

Na maioria dos átomos, estes campos magnéticos se compensam, se anulam, e o átomo se apresenta magneticamente neutro. Entretanto, em certos metais, isto não se dá. Há spins desajustados nas camadas periféricas que não se anulam e que, associados com os de outros átomos, somam seus efeitos, dando origem a ímãs microscópicos denominados domínios. O ferro, por exemplo, é representante típico destes elementos.

Na formação do metal, estes domínios se distribuem segundo uma estrutura cristalina, com orientações quaisquer, guardando, porém, a tendência de se alinharem sob a ação de um campo magnético e de darem origem aos intensos campos magnéticos que se produzem.

É o que se passa num eletro-ímã. Ele consiste essencialmente de um pedaço de ferro com um condutor, enrolado em seu derredor, pelo qual se faz passar uma corrente. Esta produz um campo magnético no ferro que cresce com o crescer da corrente até um certo valor máximo. Isto se deve aos domínios que, sob a ação do campo, gerado pela corrente, tendem a alinhar-se segundo uma única direção, até que isto se efetue. Uma vez alinhados, por mais que se aumente a corrente, não há mais qualquer acréscimo de magnetização. Diz-se que o material está magneticamente saturado.

A mesma corrente produz campo magnético no ar e no núcleo de ferro. Mas a força magnética que se produz no ferro chega a ser 20.000 vezes maior que a produzida no ar.

Estes metais, portanto, têm a característica de poderem permitir, em si mesmos, campos magnéticos muito superiores, milhares de vezes, a outros.

Para tirar o máximo proveito desta propriedade, há técnicas especiais de fundição. Fazem-se ligas e, ao fundir o material, procura-se atuar de modo a dar uma disposição especial aos seus domínios, a fim de que os materiais obtidos adquiram a maior permeabilidade magnética possível.

10.2. - Ferromagnetismo e Mediunidade

Pois bem, é nesse fenômeno que estabelecemos a analogia em que damos por existente o magnetismo mental. Assim como falamos da constituição corpuscular do átomo físico, da mesma maneira falamos de análoga estrutura da matéria mental. Em ambos os casos nos referimos a elétrons gerando campos magnéticos. Denominamos magnetismo mental àquele produzido pelo elétron mental, magnetismo este que se identifica com o que foi cognominado de magnetismo animal.

O elétron mental é dotado de spin. Diz André Luiz que "nas mentes ajustadas aos imperativos da experiência humana, mesmo naquelas de sensibilidade mediúnica normal", os spins se encontram harmonizados, e "o campo magnético se mostra entrosado às emoções comuns". Algo como o que se passa no ar. Uma corrente elétrica cria nele um campo, mas de reduzida intensidade. Nas pessoas comuns o que produz magnetismo mental são as emoções, embora elas não o evidenciem com grande intensidade. Entretanto, naquelas pessoas em que os spins da matéria mental não sejam contrabalançados, "as propriedades magnéticas patenteiam teor avançado, tanto maior quanto mais vasta é a descompensação, plasmando condições mediúnicas variáveis por exigirem o auxílio de correntes de força que lhes ofereçam o necessário equilíbrio".

E isto "ocorre tanto com as grandes almas que aceitam ministérios de abnegação e renúncia... como também com as almas menos enobrecidas, embora em outro sentido, segregadas em aflitivo desajuste nas reencarnações reparadoras por se haverem onerado perante a Lei." ([1], Cap. VIII).

Da mesma maneira que influímos na formação de certas ligas, a fim de obtermos materiais com propriedades magnéticas mais avançadas, também as pessoas, antes de reencarnarem, podem receber tratamento adequado, para desenvolverem tarefa mediúnica específica no plano físico.

Em [2], Cap. 3, André Luiz descreve Centro de Mensageiros no Ministério da Comunicação, onde se preparam médiuns e doutrinadores às centenas. No Cap. 7 conta que Otávio preparou-se durante 30 anos para voltar à Terra em tarefa mediúnica. No Cap. 10, Joel afirma que sua "tarefa mediúnica exigia sensibilidade mais apurada"; por isso, no Ministério do Esclarecimento lhe aplicaram tratamento especial, que lhe aguçou as percepções.

Allan Kardec, em [3], 2ª Parte, Cap. XVI, dá uma classificação, enumerando vários tipos de mediunidade, à qual enviamos o leitor.

10.3. - Vida Espiritual: O Relato de André Luiz

Tobias, discorrendo acerca do Centro de Mensageiros, diz que aí preparam-se "numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos... Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente... Saem milhares de mensageiros aptos para o serviço, mas são muito raros os que triunfam" ([2], Cap. 3).

André Luiz, em [4], descreve como ele próprio despertou na vida espiritual e com o que ele se defrontou, após uma vida em que não **preencheu** os compromissos assumidos. É o que iremos descrever sucintamente.

Como já foi dito em [5], Cap. 8, o Espírito, no desencarne, ensimesmado nos próprios pensamentos, recapitulando todas as experiências vividas, libera energias, destruindo os órgãos físicos, reconstruindo outros e revestindo-se de um corpo, o corpo espiritual, cuja densidade é afim à natureza dos pensamentos que cultivou. Pensamentos de ordem inferior revestem o Espírito de substâncias de matéria mental mais grosseiras e corporificam todos os desequiíbrios que eles causam.

Há perturbação inicial, que Kardec descreve em [6], Livro II, Cap. III, nº 159, e que André Luiz confirma.

Sem o devido preparo religioso, André Luiz desperta no Plano Espiritual, sentindo-se o mesmo, com as sensações a fustigarem-lhe o ser: a fome, a sede, o frio ...; e, angustiado, sem saber o que fazer, onde se encontrava e como proceder.

Sofreu agruras, perseguições, as mesmas necessidades que sentia quando encarnado. (Vide [6], Livro II, Cap. VI, nº 257). Até que, após muito sofrer, no auge do desespero, orando, foi socorrido e conduzido a estabelecimento de recuperação.

E ali foi-lhe dado o diagnóstico. Viera pelo suicídio, de um processo canceroso derivado de algumas leviandades no campo da sífilis. Poderia ter melhorado se tivesse enquadrado seu "procedimento mental ... nos princípios da fraternidade e da temperança".

Entregando-se freqüentemente à exasperação e à cólera, "captava destruidoras vibrações naqueles que o ouviam".

A ausência de auto domínio, de bom trato com o semelhante, ofendendo às vezes, sem refletir, "conduziam-no, freqüentemente, à esfera dos seres doentes e inferiores. Tal circunstância agravou muito o seu estado físico.

"Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcóolicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais."

Os grandes desajustes, evidentemente, acarretam sérios distúrbios ao Espírito que, às vezes, demandam longos períodos de difícil reajuste. Por exemplo, Kardec em [7], 2ª Parte, Cap. V, narra que François S. Louvet, tendo-se suicidado, via-se constantemente a cair da torre, despedaçando-se nas pedras ... há 6 anos.

Mas casos de menor evidência podem acarretar distúrbios assaz penosos e infelicitantes. Diz-se em [4], Cap. V: "Sabe que o homem imprevidente, que gastou os olhos do mal, aqui comparece de órbitas vazias? Que o malfeitor, interessado em utilizar o dom da locomoção fácil nos atos criminosos, experimenta a desolação da paralisia, quando não é recolhido absolutamente sem pernas? Que os pobres obsediados nas aberrações sexuais costumam chegar em extrema loucura? "(Vide também [7], 2ª Parte, Cap. IV).

André Luiz lamenta-se e chora.

Inútil a queixa. Há sim necessidade de recompor idéias e propósitos. Lamentar-se sustenta os pensamentos que produzem sofrimento. O que necessitamos é de trabalho e esforço de realização. "As almas débeis, ante o serviço, deitam-se para se queixarem aos que passam; as fortes, porém reconhecem o serviço como patrimônio sagrado, na movimentação da qual se preparam a caminho da perfeição" ([4], Cap. VI).

Enfim, defronta-se com colônia espiritual, intensamente ativa, com uma organização social constituída de uma Governança e seis Ministérios, a saber: Regeneração, Auxílio, Comunicação, Esclarecimento, devotados a tarefas relacionadas à esfera terrestre; Elevação, União Divina, ligados ao Plano Superior.

Todas as atividades terrenas têm seus fundamentos desenvolvidos, primeiramente, no Plano Espiritual. "Nenhuma organização útil se materializa na crosta terrena, sem que seus raios iniciais partam de cima" ([4], Cap. VIII).

"Não havia ... qualquer sinal de inércia ou de ociosidade ..." contra a idéia de beatitude eterna ou de contemplação ([4], Cap. VIII).

Descreve a existência de formas de repressão. No Cap. IX narra a dificuldade que o Governador teve, em certo momento, de induzir "os habitantes às leis da simplicidade".

Queria introduzir alimentação mais sóbria e ensinar a absorver princípios vitais da atmosfera. Tentou durante trinta anos, trazendo instrutores e buscando, em outras colônias mais avançadas, ensinamentos adequados. Tudo inutilmente, entretanto, a ponto de surgir rebeldia evidenciada com condenáveis manifestações, que dava margem a "perigoso assalto das multidões obscuras do Umbral, que tentaram invadir a cidade".

O Governador acionou a máquina repressiva: abriu os calabouços, "proibiu temporariamente os auxílios às regiões inferiores ... mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum".

Reduziu os serviços de alimentação, introduzindo a inalação de princípios vitais da atmosfera, por mais de 6 meses. "A colônia ficou então sabendo o que vem a ser a indignação do espírito manso e justo." ([4], Cap. IX).

"A instituição é eminentemente rigorosa no que concerne à ordem e à hierarquia. Nenhuma condição de destaque é concedida aqui a título de favor." ([4], Cap. XI).

E entenda-se que, aqui também, não há desrespeito ao livre-arbítrio. A ordem e o respeito à hierarquia referem-se às funções, transferidas às pessoas nelas investidas, em função das necessidades de ordem geral.

André Luiz refere-se ainda às diversas tarefas. As "de auxílio são laboriosas e complicadas. Os deveres do Ministério de Regeneração constituem testemunhos pesadíssimos. Os trabalhos da Comunicação exigem alta noção e responsabilidade individual. Os campos do esclarecimento requisitam grande capacidade de trabalho e valores intelectuais profundos. O Ministério da Elevação pede renúncia e iluminação. As atividades da União Divina requerem conhecimento justo e sincera aplicação do amor universal" ([4], Cap. XI).

Fala do Umbral, apontando-o como construído por aqueles que falharam em seus deveres e incorreram em erros.

"Quando o Espírito reencarna, promete cumprir o programa de serviços do Pai: entretanto, ao recapitular experiências no planeta, é muito difícil fazê-lo, para só procurar o que lhe satisfaça ao egoísmo... O Umbral funciona... como região destinada ao esgotamento de resíduos mentais... uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado... Nele concentra-se tudo o que não tem finalidade para a vida superior... Nele há legiões de almas irresolutas e ignorantes... infelizes, malfeitores, vagabundos de várias categorias..." ([4], Cap. XII).

André Luiz, em **Nosso Lar**, refaz suas noções.

Revaloriza-se-lhe a noção de trabalho. "Os que não cooperam, não recebem cooperação. Isso é da lei eterna" ([4], Cap. XIII). Renovam-se-lhe as noções de amor, sexo, lar, família, propriedade, salários, comportamento, fixação de interesses no trabalho construtivo, até que a oportunidade de trabalho se concretiza, com o seguinte conselho de Laura: "... apaixone-se pelo seu trabalho, embriague-se de serviço útil. Somente assim atenderemos à nossa edificação eterna" ([4], Cap. XXIX). Pelo trabalho adquira o direito de aprender, de freqüentar centros de estudo. "Essas aulas ... são ouvidas somente pelos Espíritos sinceramente interessados. Os instrutores aqui, não podem perder tempo... os mais adiantados podem interpelar... a fim de que os trabalhos não se convertam em desregramento da opinião pessoal, sem base justa, com grave perda de tempo para o conjunto" ([4], Cap. XXXVII).

Reconceitua-se-lhe a noção de união pelo casamento na terra, frente aos casos daqueles que se casaram mais de uma vez. " ... casos dessa natureza são resolvidos nos alicerces da fraternidade, reconhecendo-se que o verdadeiro casamento é de almas e essa união ninguém poderá quebrantar...

"... aprendi que há casamentos de amor, de fraternidade, de provação, de dever ..."([4], Cap. XXXVIII).

Ele próprio sente o drama. Voltando ao seu antigo lar terreno encontra a esposa consorciada de novo, com tudo mudado, sem que lhe houvessem restado "nem haveres, nem títulos, nem afetos!" ([4], Cap. XLIX).

"Compreendia as necessidades humanas ... não era dono nem de Zélia, nem de meus filhos ... mas eram-lhe, sim, companheiros de realização ..."

Refeito, dedicou-se, no que podia, ao auxílio daquela família cujos componentes passou a amar como irmãos. Vencera a última dificuldade para reintegrar-se nas realizações e no cumprimento dos deveres justos.

Foi então que o Ministro Clarêncio estendeu-lhe a destra generosa, falando-lhe: "Até hoje, André, você era meu pupilo na cidade; mas doravante, em nome da Governadoria, declaro-o cidadão de "Nosso Lar" ([4], Cap. L).

a - Bibliografia

[1] André Luiz: Mecanismos da Mediunidade.
[2] André Luiz: Os Mensageiros.
[3] Allan Kardec: O Livro dos Médiuns.
[4] André Luiz: Nosso Lar.
[5] Rino Curti: Espiritismo e Evolução.
[6] Allan Kardec: O Livro dos Espíritos.
[7] Allan Kardec: O Céu e o Inferno.

b - Leituras Complementares

As dos capítulos das obras citadas no texto.

Considerar como tarefa para as férias a leitura do livro "Nosso Lar" de André Luiz.

c - Perguntas

1ª - O que é o SPIN?
2ª - O que é o magnetismo mental?
3ª - Qual a relação entre o magnetismo mental e a mediunidade?
4ª - Como a mediunidade se manifesta? Por que mais em uns do que em outros?
5ª - Qual o diagnóstico dado ao desencarne de André Luiz?
6ª - Comente os casos de desajuste citados no texto.
7ª - Todas as atividades têm seus fundamentos no Plano Espiritual. Comente.
8ª - E acerca das formas de repressão? Comente.
9ª - Aprofunde sua noção acerca do Umbral.
10ª - Opinião não é saber. Lembrado disto, comente a passagem:"... a fim de que os trabalhos não se convertam em desregramentos da opinião pessoal, sem base justa, com grave perda de tempo para o conjunto."

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 11.

10ª Aula Prática

Título: Magnetismo Mental

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula do Cap. 7º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

A mediunidade é a facilidade, quando concentrados e em passividade, de liberar centros que podem ser atuados por outras mentes. Uns liberam a fala, outros a escrita etc.

Em nossa organização temos muitos recursos que ainda não aprendemos a utilizar; permanecem em estado latente. Por exemplo, na fala, temos recursos de vocabulário, ideação, associação de idéias, possibilidades de raciocínio que nos limitam a expressão, até onde tenhamos desenvolvido tais recursos. Poderemos ampliá-los, porém, com o estudo, o trabalho, a vivência dos fatos, com o exercício de nossa aptidões e virtudes.

Os Espíritos só podem utilizar os recursos que tenhamos despertado. Daí a recomendação para que estudemos e sirvamos. Mais nos desenvolvamos, mais veremos ampliar-se a nossa participação como intermediários.

Deixe-se apassivar somente quando solicitado pelo médium. Não pense nesta ou naquela característica mediúnica. Age-

nas entregue-se, para que os Espíritos possam ativar o tipo de mediunidade que possui, e assim possam identificá-la, dando-lhe orientação.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)
Idem.

CAPÍTULO XI

Mediunato Mal Sucedido

11.1. - Centro de Mensageiros

André Luiz, em [1], cita a existência, na colônia espiritual de Nosso Lar, no Ministério da Comunicação, do Centro de Mensageiros, um centro de preparação de entidades destinadas ao "socorro e ao auxílio aos que sofrem no Umbral, na Crosta e nas Trevas ... companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos nos diversos setores da evolução planetária:

"Médiuns e Doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente. Tarefeiros do conforto espiritual" ([1], Cap. III).

E acrescenta Tobias: preparados, o que não significa garantia de realização. Esta exige esforço e, no campo da redenção humana, renúncia e altruísmo. Esquecido o espírito missionário e a dedicação aos semelhantes, uns e outros reduzem-se a instrumentos inúteis.

Uma coisa é a Doutrina, ou o conhecimento, outra é quem o expõe. Rica poderá ser a concepção; apagado, desinteressado, poderá ser o expositor. O mesmo acontece com a mediunidade. "A expressão mediúnica pode ser riquíssima, mas se o dono não consegue olhar além dos próprios interesses, fracassará."

Mesmo o maior virtuose, se displicente, não fará execução de peça a contento.

Conta-se de instrumentista famoso que, no hotel, em tournée, praticava diariamente. Inquirido de por que assim procedia, ele, tão grande expressão artística que era, respondeu: — Se eu deixar de me exercitar um dia, ressentir-me-ei após; se eu deixar dois dias, quem irá ressentir-se será o público.

Qual o aprendiz que poderá ser bem sucedido se não se dispuser a superar as próprias deficiências; se diante da lição mal compreendida, do problema não resolvido, não se atirar ao esforço da repetição até suplantar o embaraço?

Não o entendemos assim no terreno da edificação própria, porque viciados nas ilusões dos cultos externos, segundo os quais sempre acreditamos resolver os problemas sem enfrentá-los, obter a verdade sem buscá-la, crentes de resolver somente "pela atitude suplicante". Certamente Deus responde ao nosso apelo, no entanto "é imprescindível considerar que a manutenção e a limpeza do vaso, para recolher-lhe as bençãos, é dever que nos assiste".

Raros triunfam — diz Tobias — porque quase todos estamos ainda ligados a extenso pretérito de erros criminosos que nos deformam a personalidade ... agarrados ao mal e esquecidos do bem, chegando, por vezes, ao disparate de interpretar dificuldades como punições ... ([1], Cap. 3).

11.2. - Dificuldades da Tarefa

André Luiz introduz-se em grande salão para ouvir, junto a numerosa Assembléia, constituída de aspirantes e falidos na mediunidade e na doutrinação, Telésforo, distinguido Instrutor. O assunto, a tarefa.

Causas de insucessos? Há várias. Em qualquer atividade que seja, jamais ouvimos alguém mal sucedido, que não tivesse fortes motivos e carradas de razões para justificá-los. Claro! Sempre as circunstâncias, jamais as deficiências pessoais.

Telésforo diz que o momento atual está a exigir ensinamentos novos. Tudo evolui, e a própria educação vem defrontar-se com problemas que as mudanças de vida, sociais, culturais, lhe colocam, diferentes dos já conhecidos.

A Terra, diz ele, no momento, atravessa transições encontrando "a maioria dos homens absolutamente distraída das realidades eternas". E, além disso, "temos que defrontar-nos, contraditoriamente, com núcleos organizados da Religião e da Filosofia que, incapazes de entender, ainda, que a Revelação é progressiva, nos dificultam a ação e malsinam a influência".

Com Isto, a ignorância domina a maioria das criaturas e, como nesta época, por fatalidade evolutiva, as faculdades mediúnicas se generalizam, se disseminam pelas pessoas, abrindo cada vez mais a mente humana para o contato com as expressões invisíveis, ao invés de afiná-las com as Esferas Sublimadas, sintonizam-nas com os encarnados de baixa condição.

Enquanto a Ciência progride vertiginosamente, lançando-se a conquistas cada dias mais valiosas, nas concepções valorativas, axiológicas, permanecemos atrelados aos padrões da Idade Média. Com isto, e com a aproximação psíquica de desencarnados, que menosprezaram as oportunidades da existência, sequiosos de renová-la, aumentam "os homicídios, as tragédias conjugais, os desastres do sentimento, os impulsos revolucionários da indisciplina, a sede de experimentação inferior, a inquietação sexual, as moléstias desconhecidas, a loucura ..." São "milhões de enfermos e criminosos nas zonas visíveis e invisíveis à experiência humana" a reclamarem "os serviços do Senhor" ... os instrumentos adequados às retificações espirituais ... " ([1], Cap. V).

A tarefa é grande. A "Humanidade terrena, atualmente, é como um grande organismo coletivo, cujas células, que são as personalidades humanas, se envolvem no desequilíbrio entre si, em processo mundial de reajustamento e redenção". Por isso, "como em todas as realizações dirigidas ao bem coletivo, não há lugar para a cogitação de condições, compensações, de discussões acobertadoras, da disposição hesitante, insegura. O que necessitamos é de colaboradores fiéis ... que se interessem pela sublimidade do sacrifício e da renunciação com o Senhor ... precisamos de servidores que atendam de boa vontade" ([1], Cap. V).

Centenas de companheiros — diz Telésforo — partem daqui, anualmente, aliando necessidades de resgate ao serviço redentor.

Todos temos tendências viciadas nas manifestações da inferioridade. Por essa razão, é imenso o número de fracassados. Por circunstâncias externas, diz-se?

Há servidores valorosos que se anulam frente aos atritos humanos isolando-se na concepção, como o discípulo que enterra os talentos. Outros que, sentindo as deficiências pes-

soais que se lhes evidenciam com o trato das necessidades, paralisam-se, declarando-se incapazes.

Conta Néio Lúcio em [2], nº 41, que Tadeu clamava ao Mestre suas deficiências, irritado por suas próprias fraquezas. " ... Como exaltar a espiritualidade divina, se a animalidade grita mais alto em minha própria natureza?"

Ao que Jesus teria respondido:

Velho mercador de remédios, que para isso se utilizava de um jumento caprichoso e inconstante, chamado pelo Senhor ao trabalho da profecia, refletindo sobre os próprios defeitos, passou a recusar-se a instruir as criaturas.

Sentindo-se, porém, impelido à tarefa e em conflito consigo mesmo, "suplicou esclarecimento ao Todo-Poderoso". Sonhou que estava no jumento, vendo-se interpelado por um anjo, que o argüia sobre o comportamento do animal.

— Quantos coices desferira? Quantas vezes teria mordido os companheiros? Ou insultado o asseio de tua casa? Entretanto é um auxiliar precioso que não podes dispensar. Os medicamentos que te ajuda a transportar salvam muitos enfermos, distribuindo esperança, saúde e alegria. Que seria deles se o jumento, a pretexto de suas imperfeições, se negasse à prestação do seu concurso?

Retoma tua missão. Se não a podes exercer por enquanto como homem purificado, faze-o na posição de intermediário útil e valioso.

Em [3], Cap. XXXVI, conta Néio Lúcio de um sacerdote que pedia, pela revelação, lhe fosse indicado o maior dos pecados, a fim de orientar os crentes. Conhecia sete, os mortais: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça, dos quais nasciam as outras imperfeições. Porém queria maiores esclarecimentos.

O anjo respondeu que todos podem ser reduzidos a um só. Se todos trabalhassem para o bem de todos:

— o soberbo não teria o ensejo de cultivar o orgulho e a vaidade a apontá-lo como o centro do Universo;

— o avarento não se entregaria à volúpia da posse, totalmente inútil;

— o luxurioso não teria ocasião de prender-se às paixões que o arrastam ao crime;

— os irascíveis não envenenariam a própria saúde com remorsos e angústias injustificáveis;

— o guloso não se entregaria aos apetites devastadores que lhe arruinam o corpo e a alma;

Como vês, portanto, o maior de todos é a preguiça.

— Deixemos — diz Telésforo — as escusas e cesse, para nós outros, a concepção de que a Terra é o vale tenebroso, destinado a quedas lamentáveis, e agasalhemos a certeza de que a esfera carnal é uma grande oficina de trabalho redentor. Preparemo-nos para a cooperação eficiente e indispensável. Esqueçamos os erros do passado e lembremo-nos de nossas obrigações fundamentais ([1], Cap. V).

Analisemos sim as razões de nossos malogros, não para nos penitenciarmos, mas para, em lhes ressaltando o ensinamento útil, refortalecer nossas fibras e renovar a experiência.

Muitos receberam aqui a missão como nova oportunidade, diante de um passado ignominioso, aceitando-a com entusiasmo e enormes promessas. Entretanto, em contato com as possibilidades materiais, reacendia-se a ambição desmedida: amealhados haveres, ressurgia a idéia da existência cômoda: na experiência afetiva, a volta aos desvios sexuais; no regaço da família, o reabuso da tirania doméstica; aos interesses da vida eterna, o sobrepujar das sugestões inferiores da preguiça e da vaidade.

"Entregaste-vos ... à palavra sem responsabilidade, e à indagação sem discernimento ... Como médiuns ... preferíeis a inconsciência de vós mesmos; como doutrinadores, formuláveis conceitos para a exportação, jamais para uso próprio."

Como resultado, os que batem à porta de Espiritismo são "os caçadores de interesses pessoais ... os sequiosos da facilidade ... os amigos do menor esforço, os preguiçosos e delinqüentes de todas as situações ...", outro motivo de dificuldade e desistência ([3], Cap. VI).

O Irmão X, em [4], Cap. 13, refere-se aos médiuns que, freqüentemente, recuam da tarefa, ou sequer a abraçam, com

a alegação de que não a pediram. Dirige-se, porém, principalmente a nós, que nos aproximamos deles, para lhes explorar os dotes, num autêntico alerta aos médiuns, para que se precavenham contra as insídias do caminho.

Em primeiro lugar, refere-se ao médium como pessoa, idêntica aos demais, "com obrigações de render culto diário à refeição, ao banho e ao sono comum". Possuidor de ferramenta que, se não deve ser mantida inoperante, também não pode ser oferecida ao manuseio de qualquer um. Deverá colaborar com a investigação do estudioso sincero e habilitado, mas não poderá entregar-se ao investigador sem consciência, mais interessado em alimentar a curiosidade "dos cientistas do clube dançante, que vazam comentários acadêmicos, entre um sorriso de mulher bela e uma dose de aguardente rotulada de uísque ...

"O Plano Superior traça programa de trabalho benéfico e renovador...

Com muita dificuldade consegue ele entregar a mensagem de que é portador.

Atacado pelos adversários, é elogiado desregradamente pelos que lhe são afeiçoados e que:

— o convertem em motivo de permanente espetáculo;

— buscam afastá-lo constantemente do seu posto de trabalho, reduto respeitável do seu ganha-pão;

— que o acusam à menor instabilidade na realização;

— assediam-no com elementos arrasadores, se revela perseverança no bem.

Se permanece no posto, cai em solidão pelas exigências do serviço que se multiplicam, enquanto os familiares se afastam, destituídos de vocação à renúncia.

Passa a viver as existências alheias, tolhido que é de caminhar na própria; passa a ingerir fluidos de desesperação e inquietude de pessoas revoltadas e intemperantes; trabalha todo o dia com preocupações e expectativas que lhe são acrescentadas às próprias.

Corpo esfalfado, resistência em frangalhos, mal consegue repousar desgastando-se prematuramente; o corpo "compli-ca-se não pela lei do uso, mas pelos golpes do abuso".

— Tudo porque — diz Telésforo —... não temos sabido defender o sagrado depósito, por termos esquecido... que o Espiritismo é revelação divina para a renovação fundamental dos homens...

" Contudo não abandonaremos nossos deveres no meio da tarefa... O Senhor renova diariamente nossas benditas oportunidades de trabalho, mas para atingirmos os resultados precisos, é imprescindível sejamos seguidores da renunciação ao inferior... E ninguém espere subir, espiritualmente, sem esforço, sem suor e sem lágrimas!..." ([1], Cap. VI).

Nesse momento, cessou a preleção.

a - Bibliografia

[1] André Luiz: Os Mensageiros.
[2] Néio Lúcio: Jesus no Lar.
[3] Néio Lúcio: Alvorada Cristã.
[4] Irmão X: Luz Acima.

b- Leituras Complementares

As dos capítulos dos livros citados no texto.

c - Perguntas

1ª - Para a aquisição de uma arte, de uma técnica, sabemos que nada poderemos realizar sem sacrifício e esforço. Por que não achamos o mesmo para a aquisição de desenvolvimento moral?

2ª - São as dificuldades provas, punições? Explique.

3ª - Qualifique o momento atual, o que ele representa para a Humanidade.

4ª - Como explica a onda de crimes, tragédias, vícios, de nossos dias?

5ª - Devedores que somos, podemos participar das tarefas de consolo e reerguimento?

6ª - Qual o maior pecado? Explique e esclareça o significado da palavra pecado. Qual a diferença entre o conceito católico e o espírita?

7ª - Os que batem à porta do Espiritismo, o fazem sem inte-

resse pela edificação. Qual a responsabilidade que cabe aos médiuns?

8ª - Os que procuram os médiuns não atentam à sua condição de pessoa. Por quê? Como remediar a situação?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz - Respostas da Vida.

Estudar e pôr em prática o Cap. 12.

11ª Aula Prática

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula, do Cap. 1º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5, idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Seu dote mediúnico não é idêntico ao de ninguém, seja em expressão, seja em intensidade. Como numa orquestra, onde cada um tem um instrumento. Ninguém é mais ou menos importante. Para a execução da sinfonia, cada um exerce um papel típico.

O importante é saber que a mediunidade é compromisso assumido para uma tarefa que diz respeito ao próprio burilamento e ao daqueles que estão envolvidos com você. No seu papel, você é um virtuose: do seu desempenho, depende o do resto.

Dê passividade, quando solicitado.

Entregar-se à passividade não é anular-se, entregar-se incondicionalmente, confiante apenas nos que se utilizarão de você. É, porém, entregar-se a uma tarefa, cônscio do papel que lhe cabe exercer, ciente do que lhe cabe fazer, responsável no cumprimento do seu papel, para um trabalho de equipe, em que, para bem cumpri-lo, deve apresentar-se convenientemente preparado, por exercício contínuo e dedicação total, para aí levar o melhor de si, dentro do maior espírito de renúncia e serviço.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)

Idem.

CAPÍTULO XII

Missão Malograda

Para melhor avaliar as razões que podem levar ao insucesso, no mandato mediúnico, nada melhor que analisar casos ocorridos. Em [1], André Luiz conta alguns, evidenciando as causas mais comuns.

1º - A Queda de Otávio

Otávio era grande devedor de reencarnações passadas, até que veio bater às portas de "Nosso Lar", onde foi acolhido para encaminhamento a nova oportunidade no plano carnal. Abraçaria a tarefa mediúnica, tarefa espiritual voltada aos interesses eternos da criatura, da qual auferiria maravilhosa oportunidade de resgate e elevação. Preparou-se durante 30 anos, dispondo de toda orientação, facilidades, e desfrutando do precioso auxílio de 6 entidades, com as quais selou irrevogável compromisso de realizações na tarefa.

Foi secundado por todos os cuidados no renascimento, tendo-lhe sido entregue corpo rigorosamente sadio. Teria trabalho de relevo "na esfera de consolação às criaturas ... junto das falanges de colaboradores encarregados do Brasil, animando-lhes os esforços e atendendo a irmãos outros, ignorantes, perturbados ou infelizes".

Não consorciaria: assim o exigia o seu caso. Solteiro, aos vinte anos receberia os 6 amigos como órfãos. Isto, além de fazê-lo saldar débito intransferível, o manteria constantemente ocupado e a salvo de sugestões inferiores do sexo e das ambições desenfreadas. As atividades iniciar-se-iam eivadas de sacrifícios para que se estruturasse a capacidade de luta, o poder de determinação, a firmeza de propósitos, a rigidez de disposição, muitas vezes estragados pelos mimos ou pelas intenções daqueles que, amorosos, imbuídos de sentimento desvalioso, resolvem as dificuldades, impedem a iniciativa, comprometem a oportunidade da experiência. Também para

que não dependesse de outrem, de favores ou de circunstâncias que lhe comprometessem a autenticidade, lhe restringissem a independência de realização, "para que não se escravizasse ... a situações caprichosas do mundo, distante dos desígnios de Jesus e, sobretudo, para que fosse mantida a impessoalidade do serviço".

Com o decurso do tempo, entretanto, ser-lhe-iam enviados recursos materiais crescentes, comprovados que fossem a renúncia de si próprio, o desprendimento dos bens, o desinteresse pelos prazeres, "de maneira a intensificar, progressivamente, a semeadura de amor" a ele confiada.

Enfim foi colocado junto a verdadeira serva de Jesus, sua mãe, que perdeu aos 13 anos.

Aos 15, foi confiado a madrasta contra a qual indispôs-se desde o início, ao mesmo tempo que se lhe iniciavam as primeiras manifestações mediúnicas e os primeiros apelos do Plano Superior. Revoltado, entregue constantemente a queixas e a lamentações, não conseguia estruturar as qualidades do trabalhador e companheiro fiel, apto a servir de intermediário para necessitados e sofredores; nem alcançar a confiança nos orientadores espirituais. Além disso, a constante disposição para a crítica, mantinham-no em desagradável estacionamento.

Não atendia aos apelos porque duvidava. E como eles persistissem, interpretando-os à guisa de alucinações, confiou-se a médico que lhe aconselhou experiências sexuais. Com dezenove anos entregou-se ao abuso, alheando-se das exortações evangélicas.

Aos vinte anos, perde o pai, que o deixa junto à madrasta, com 6 órfãos, os credores de Nosso Lar, aqueles com os quais havia-se compromissado a redentor esforço de cooperação. Enceguecido, entretanto, foge à responsabilidade, relegando todos ao abandono, para atender somente aos apelos de suas conveniências, num franco desrespeito ao sentimento de solidariedade humana, obrigatoriedade moral, independentemente de qualquer outro compromisso. Só os laços de família já deviam ter sido suficientes para não se ausentar da prova que a vida lhe colocava no caminho. Insciente de que a Vida, nas dificuldades, esconde os valores e as dádivas mais preciosas, que alcançados constituem o sucesso, rendeu-se às quimeras das facilidades que lhe acenavam promessas enganosas.

Desavisado, cai na imprevidência e, por ato irrefletido, vê-se forçado a consorciar-se com pessoa de estofo moral inferior, que lhe trouxe como filho entidade monstruosa. Enquanto os seis órfãos ter-lhe-iam sido um esteio moral, esposa e filho infernizaram-lhe a vida.

Aos quarenta anos, desencarna, roído pela sífilis, pelo álcool e pelos desgostos, sem nada ter realizado.

2º - O Desastre de Acelino

Acelino, outro candidato à tarefa mediúnica, foi preparado em "Nosso Lar". Teria saúde do corpo, equilíbrio da mente e devotada companheira a secundar-lhe os passos, em apoio e sustentação.

Aos vinte anos, iniciou-se-lhe a tarefa mediúnica com vidência, clarividência e psicografia, fortemente amparada e com perspectiva de muito êxito.

Transformou-a, entretanto, em fonte de renda. Afinal de contas, conjecturava, era um trabalho semelhante aos outros. As solicitações eram muitas, grande número de pessoas o procurava com pedidos que o afastavam do trabalho, comprometendo-lhe a sustentação do próprio ganha-pão, turbando-lhe a privacidade. Cobrando, harmonizaria tudo, os atendimentos e os próprios interesses. Mesmo porque não há sacerdócio remunerado? Não é hábito cobrarem-se serviços religiosos e espirituais?

Dedicou-se exclusivamente à consulta remunerada. A mediunidade deixou de ser colocada ao ministério da "lição de espiritualidade superior", da "confraternização amiga", do "serviço redentor do Evangelho", das "preleções dos emissários divinos". Deixou de ser devotada à "escola da virtude, do amor fraternal, da edificação superior". Ligou-se aos motivos da "concorrência comercial", das "ligações humanas legais ou criminosas", dos "caprichos apaixonados", dos "casos de polícia",

de "um cortejo de misérias das experiências menos dignas da Humanidade".

A indução mental é regida pela sintonia. Fixado o interesse nos motivos rasteiros, teremos o espírito a rastejar. Desde que nos afeiçoemos à inutilidade, nada realizaremos. A este respeito lembramo-nos de uma observação jocosa lida na crônica diária: "Se quiseres realizar aquela tarefa, para a qual dizes não ter tempo, desliga a televisão".

Enfim, Acelino acercou-se de pessoas que o conduziram a sintonizar-se com baixas correntes mentais, perdendo a oportunidade de elevar e elevar-se.

3º - Ouvindo Impressões

Nesta passagem, André Luiz examina alguns casos relativos às dificuldades de ordem familiar.

Num primeiro, o marido não partilhava da crença da esposa que, por isso, declarava ter sido impossibilitada de exercer a tarefa, esquecendo-se de que a realização com sacrifício, nos momentos possíveis, com dedicação e renúncia, poderia ter-se tornado forte elemento de indução para a solidarização do marido.

Num segundo caso, semelhante ao anterior, a tarefa foi mantida, porém à custa de constantes atritos e discussões, troca de insultos e fluidos venenosos, segregados pela mente rebelde e enfermiça. De nada adiantou, pois isto a manteve inutilizada para qualquer tarefa de elevação espiritual.

Em outro caso relata malogro por medo. Medo de tudo: da má fé rotulada de investigaão, de mistificações espirituais, das próprias tendências, como se estivéssemos aqui para descanso e não para lutar por nossa melhoria. Certamente, estaremos sujeitos "às ironias da ignorância, aos ataques da insensatez, às sugestões inferiores da nossa própria animalidade pregressa". Mas isto porque nos voltamos à realização de algo útil para o bem de todos.

Outro caso, ainda, diz respeito a uma pessoa que teve de enfrentar a viuvez. Não suportou a solidão. Terminou por enredar-se com Espíritos perversos, num segundo matrimônio, que a puseram a perder, pelas ligações com eles efetuadas, a oportunidade.

Novamente, aqui, observa-se o acalentar de interesses subalternos, a criar sintonia com expressões de baixo teor e a ligação com forças aviltantes.

4º - A Experiência de Joel

Joel recebera tarefa mediúnica que exigia sensibilidade muito apurada. Para isto foi submetido a tratamento especial, no Ministério do Esclarecimento, que lhe aguçou as percepções. Com isto, foram-lhe proporcionados todos os requisitos essenciais.

Tal concessão, quando proporcionada, é feita com o intuito de que seja utilizada como ferramenta para "definir roteiros, fixar perigos e vantagens do caminho, localizar obstáculos comuns, ajudando ao próximo e a si mesmo". Ao contrário utilizou-a para ampliar as próprias sensações.

Com ela tinha a faculdade de regressão da memória, também destinada ao "serviço do esclarecimento coletivo e benefício do semelhante". Entretanto, empolgou-se, enveredando pela curiosidade doentia, alimentada pelas descobertas surpreendentes e pelas sensações por ela revividas. Sem a construção de valores outros, sem estar resguardado contra a reconsideração desordenada de antigas vivências, o que lhe teria sido proporcionado pelo próprio burilamento, que estaria alcançando na solução de problemas sérios, no atendimento a sofredores, no enveredamento por situações que reclamavam testemunho, e pela assistência e lições do Plano Espiritual que, se dirigidas a quem recorre ao intermediário, esclarecem e premiam primeiramente a este mesmo.

A inobservância dessas exigências o deixou às voltas com reminiscências de muito superadas, sintonizando-o com vibrações que lhe desequilibraram a mente, sem que pudesse disso ainda libertar-se, o que lhe constituiu doloroso martírio.

5º - Belarmino, o Doutrinador

Belarmino inicia, com o breve preâmbulo acerca da tarefa

do doutrinador, uma tarefa muito grave, cujo roteiro não pode ser outro senão aquele seguido pelo Senhor, com a abstenção de "qualquer escravização aos bens terrestres ... Na vida humana, junto aos que administram e aos que obedecem, há os que ensinam: mordomos, cooperadores e servos ...; os que ensinam devem ser dos últimos".

Fora-lhe designada tarefa de doutrinador, em Nosso Lar, para a qual contaria com o auxílio de companheira dedicada, tarefa esta para a qual deveria ensinar primeiro pelo exemplo, depois com a palavra.

Embora de passado culposo, candidatou-se ao desempenho de atividades que, de um lado, teriam o efeito de resgatar-lhe compromissos, de outro visariam "amparar as organizações mediúnicas, estimulando companheiros de luta, postos na Terra a serviços da idéia imortalista".

Para tal foi educado em família espírita e, por várias circunstâncias, que **lhe pareceram casuais,** foi guindado a presidente de grande grupo espírita. Nisto encheu-se de exigências. Acima da orientação evangélica, colocou "o preceito científico das provas insofismáveis".

Esquecido da "lei do merecimento pessoal", olvidando os "imperativos do esforço próprio", terminou por atrair entidades inferiores pela "falsa posição que usufruíam na cultura filosófica e na pesquisa científica".

Envaidecido por poder colaborar na esfera científica, passou a exigir "longas e porfiadas perquirições com o invisível", sem resultados positivos, porque cada um recebe segundo suas obras. Pesquisa e conhecimento não são coisas que se encomendem e se nos acheguem como prato pronto; elas são construções próprias do investigador, alcançadas com esforço e determinação.

Nada conseguindo, começou a ser assaltado pela dúvida. Passou a depreciar os médiuns, atribuindo-lhes má vontade e má fé, pois não operavam como simples intermediários, ou meros instrumentos passivos para o intercâmbio. Quem sabe não seria melhor "estabelecer um processo mecânico e rápido para as comunicações"?

"O Evangelho é livro divino e enquanto permanecemos na cegueira da vaidade e da ignorância, não nos expõe seus tesouros sagrados".

É como quando estamos envolvidos em falatório social ao som de fundo musical. Enquanto distraídos no palavreado do entretenimento falaz, a música, por melhor que seja, se nos passa despercebida. Entretanto, se voltados à peça musical, nos quedamos atentos com a devida receptividade, aí a música adquirirá seu pleno significado, nos enviará sua mensagem, e poderá produzir-nos momentos e elevação.

Assim sendo, para ele, até o Evangelho passou a perder o sentido. Descreu dele, desvalando para o negativismo completo.

Desviou-se dos objetivos primordiais, escravizando-se às posses, perdendo a oportunidade, reagravando sua situação espiritual, com o acréscimo de novos sofrimentos.

6º - A Palavra de Monteiro

Monteiro é outro doutrinador que aponta a dificuldade da tarefa, frente à influência do meio e às solicitações dos sentidos na Terra. Também preparara-se em "Nosso Lar", a fim de voltar a reencarnação com a missão de esclarecer encarnados e desencarnados.

Para tal, recebeu todo o auxílio e teve sob seu controle direto vários médiuns de efeitos físicos, psicógrafos e médiuns de incorporação.

Estimava doutrinar Espíritos sofredores. A todos exprobava a atitude, apontava a responsabilidade própria e não hesitava em aniquilar argumentos com pesadas observações. Deleitava-se na discussão com alguns padres, sacerdotes católicos, aos quais opunha as noções de continuidade da vida e da reencarnação. Estudava longos trechos sagrados a fim de despejar sobre os espíritos perturbados "com a idéia criminosa de falsa superioridade espiritual". Fascinado pela discussão conduzida sobre as opiniões, sem um estudo sério e fundamentado, distraiu-se completamente quanto à essência moral da doutrina.

Esparzia recomendações sem adotá-las. Recomendava paciência e serenidade que impingia a todo instante. Entretanto, como comerciante que era, relacionava-se com os clientes, de maneira rígida e inflexível, protestando títulos atrasados, sem a mínima comiseração, perseguindo com impiedade os devedores faltosos.

Ensinava amor, paciência e doçura aos outros, não avaliando as próprias atitudes, como se o Evangelho fora manancial de ensinamentos aos derrotados, na palavra de comiseração e falsa superioridade dos vitoriosos.

Desencarnou, enfim, "qual demente necessitado de hospícios", pelo abuso "das sublimes facilidades do verbo".

12.1. - Cursos de Educação Mediúnica

Embora adrede preparados no Plano Espiritual, e secundados no Plano carnal por condições que propiciam a sustentação dos compromissos assumidos, médiuns e doutrinadores defrontam-se com um mundo em que o despreparo religioso, o desconhecimento das exigências espirituais campeiam à solta.

Por todos os meios de comunicação, a veiculação de noções enaltecedoras do imediatismo, de pseudo-conhecimentos, de expressões artísticas que expõem as inferioridades humanas, não para denunciá-las visando sublimação, mas para oferecê-las à preferência e na forma dos que nelas se comprazem, como se a arte não fosse caminho lídimo de elevação, processo de enobrecimento da sensibilidade, dos sentimentos, induzem ao ócio, ao vício, ao desregramento, a violência, ao desfibramento do caráter, que se expandem assustadoramente, patrocinando o desequilíbrio de nossos dias.

Médiuns e doutrinadores que, por sua vez, são homens falíveis no desfrute de nova oportunidade de ascensão, padecem das mesmas fraquezas e sentem as mesmas influências que avassalam a imensa maioria desinformada atual. Daí a importância e a necessidade de cursos como este, a eles dirigidos, para o revigoramento dos conceitos e noções já adquiridas na espiritualidade, a compreensão dos fenômenos e o ajustamento ao exercício das próprias faculdades, na edificação da indispensável resistência para os embates da jornada.

Mas, além disto, há ainda a considerar o fato de que as faculdades mediúnicas, hoje, estão se difundindo por um número de pessoas cada vez maior que, se desavisadas, quedam-se propensas à perturbação e à ligação com o plano inferior, engrossando a clientela dos consultórios psiquiátricos com casos de difícil solução. Para estes também a oportunidade dos cursos é valiosa porque, mesmo que não seja para constituírem trabalhadores específicos no mandato mediúnico, se lhes desenvolve sustentação de equilíbrio da mente, beneficiando-as e valorizando-lhes a ação nas várias atividades de que participam, uma vez que, por elas, a Espiritualidade Maior sustenta a fonte de inspirações dirigida à manutenção do progresso e do bem estar geral.

a - Bibliografia

[1] André Luiz: Os Mensageiros.

b - Leituras Complementares

Ler os capítulos dos livros citados no texto.

c - Perguntas

1ª - Explique por que a tarefa mediúnica é tarefa espiritual voltada aos interesses eternos da criatura.
2ª - Qual a principal causa da queda de Otávio?
3ª - Por que, para Otávio, o casamento não estava previsto?
4ª - Por que o mediunato não pode constituir-se em fonte de renda?
5ª - Na Europa, o mediunato é profissão reconhecida e é exercido com remuneração. Que tem a dizer?
6ª - Como enfrentar a incompreensão dos familiares, quando não partilham a mesma fé?
7ª - Qual o motivo principal da queda de Joel?
8ª - Defina as responsabilidades do doutrinador. Em que reside o motivo maior de seu fracasso?

9ª - Quais as dificuldades que médiuns e doutrinadores enfrentam principalmente?

d - Prática de Renovação Íntima

André Luiz: Respostas da Vida.

Estudar e pôr em prática o Cap. 9.

12ª Aula Prática

Título: Mediunato Mal Sucedido.

1ª Parte: Abertura (20 min.)

(1 min.) A1 - Rever as recomendações para a aula, do Cap. 12º, Tomo 1º, Vol. 2º.

A2, A3, A4 e A5 idem.

2ª Parte: O Trabalho (30 min.)

Mediunato é compromisso, programa de trabalho, para o qual médiuns e doutrinadores foram preparados, antes de aqui encarnarem.

Mas preparo não é realização. Esta depende do esforço, do empenho que empreguemos para atingir os objetivos, dentro do estágio em que nos encontramos e compatíveis com ele.

O fracasso mediúnico não depende de termos uma grande ou pequena expressão mediúnica, aliás, despontando, em nossos dias, em um número de pessoas cada vez maior. Ele depende de nossa personalidade, de nossos objetivos, comportamento, desejos e atitudes. Por estes nos ligamos ou ao Plano Superior ou ao Plano Inferior, facilitando nossa jornada ou comprometendo-a. A sintonia é quem nos dita as companhias. "Diga-me com quem andas e te direi quem és" é adágio dos mais pertinentes.

Temos deficiências. Conheçamo-las, mas para superá-las. A queixa, a lamentação e a inatividade delas resultantes constituem a maior razão de fracasso. Mas disciplinemo-nos também determinando condições de atendimento.

Observe um cantor. Por mais apreciado e elogiado que possa ser, não cederá ao pedido de qualquer um, em qualquer lugar, que o solicite a cantar. Cantar constitui, para ele, um trabalho que tem suas exigências. Só é feito em recintos adequados, com os recursos necessários, dentro de certo programa e durante certo tempo.

Fora disso, é um cidadão com direito à sua privacidade, na qual atende às próprias necessidades de estudo, trabalho, sociais ou de atendimento às próprias obrigações.

Como médium proceda da mesma maneira. Só exerça a mediunidade nos lugares apropriados, de forma programada e em equipe. Saiba resguardar-se da insaciedade dos pedinchões inveterados, amigos do menor esforço, que querem resolver suas aflições tão somente "pela atitude suplicante", arrastando o bom trabalhador aos resvaladouros da inconseqüência e da inutilidade.

3ª Parte: Encerramento (15 min.)

Idem.